

Sociologia da Educação I

Holda Coutinho Barbosa
Fernando Lothario da Roza

1º Período

Palmas-TO/ 2007





FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE DO TOCANTINS

Reitor: Humberto Luiz Falcão Coelho

Vice-Reitor: Lívio William Reis de Carvalho

Pró-Reitor de Graduação: Galileu Marcos Guarenghi

Pró-Reitora de Pós-Graduação e Extensão: Maria Luiza C.P. do Nascimento

Pró-Reitora de Pesquisa: Antônia Custódia Pedreira

Pró-Reitora de Administração e Finanças: Maria Valdênia Rodrigues Noletto

Diretor de EaD e Tecnologias Educacionais: Claudemir Andreaci

Coordenador Pedagógico: Geraldo da Silva Gomes

Coordenadora do Curso na Unitins: Maria Rita de Cássia P. Labanca

FAEL – Faculdade Educacional da Lapa

Diretor Geral: Luiz Carlos Borges da Silveira

Diretor Acadêmico: Osiris Manne Bastos

Diretor Administrativo e Financeiro: Cássio da Silveira Carneiro

Coordenadora do Curso de Pedagogia a Distância: Clélia Peretti

EDUCON – EMPRESA DE EDUCAÇÃO CONTINUADA LTDA

Diretor Presidente: Luiz Carlos Borges da Silveira

Diretor Executivo: Luiz Carlos Borges da Silveira Filho

Diretor de Desenvolvimento de Produto: Márcio Yamawaki

Diretor Administrativo e Financeiro: Júlio César Algeri

ORGANIZAÇÃO DO MATERIAL DIDÁTICO

Produção e Organização de Conteúdos Acadêmicos: Darlene Teixeira Castro e
Maria Lourdes F. G. Aires

PRODUÇÃO E DESIGN GRÁFICO

Gerenciamento e Fluxo Logístico: Viviani Asevedo Soares Borges

Projeto Gráfico: Edglei Rodrigues e Irenides Teixeira

Ilustrações: Edglei Rodrigues e Geuvar S. de Oliveira

Revisão de Conteúdo: Kyldes Batista Vicente

Diagramação: Douglas Donizeti Soares

Apresentação

Caro(a) aluno(a),

Nossa relação professor/aprendiz começa aqui. E o material impresso é uma ferramenta necessária e importante para caminharmos juntos.

Você está recebendo os textos relacionados à disciplina Sociologia da Educação, que têm por objetivo direcionar seus estudos nesta importante área.

Sociologia da Educação é uma disciplina instigante, dinâmica e interessante, Aborda diversos temas abrangentes, como os clássicos modernos e contemporâneos, a relação com a educação, a Sociologia como uma ciência que estuda os fenômenos sociais e a educação que está presente na vida das pessoas, fazendo essa relação enriquecer ainda mais o conhecimento.

Temas como o surgimento e a formação da Sociologia e sua influência no meio educacional; o conhecimento dos pensadores clássicos e contemporâneos, suas teorias e contribuições para a educação; abordagem neoliberal, sua influência e conseqüências para a educação serão discutidos neste Caderno de Conteúdo e Atividades. Buscamos redigir um material em linguagem acessível e clara, conscientes de que é necessário falar de assuntos delicados sem criar obscuridade, mas sem dispensar a terminologia sociológica e educacional quando necessária.

Se existir algo melhor que felicidade, é isso que desejamos a você.

Bons estudos! Boa reflexão!

Holda Coutinho Barbosa
Fernando Lothario da Roza

PLANO DE ENSINO
CURSO: Pedagogia
PERÍODO: 1º
DISCIPLINA: Sociologia da Educação I

EMENTA

A Sociologia como ciência e o surgimento da Sociologia na educação. As teorias sociológicas clássicas e contemporâneas. A educação como processo e suas relações com a cultura e a aprendizagem de papéis sociais. A função social da escola. As relações entre educação e sociedade: a natureza e as especificidades dos fenômenos sociológicos e suas relações com os fenômenos educacionais.

OBJETIVOS

- estabelecer uma reflexão ampla sobre as concepções sociológicas que norteiam o trabalho em educação;
- conhecer e diferenciar conceitos sociológicos básicos;
- analisar os aspectos culturais, políticos e econômicos da sociedade que interferem no contexto educacional;
- estabelecer relações entre o pensamento sociológico e o contexto educacional contemporâneo.

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

- a Sociologia no contexto da sociedade capitalista.
- teoria sociológica clássica: Durkheim, Marx e Weber;
- teoria sociológica contemporânea: Althusser, Bourdieu e Passeron;
- questões sociais da educação: informática (inclusão e exclusão digital);
- mundialização do capital, Neoliberalismo e reestruturação produtiva;
- movimentos sociais e atores na unidade escolar.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

COSTA, Cristina. *Sociologia: introdução à ciência da sociedade*. 2.ed. São Paulo: Moderna, 2000.

MEKSENAS, Paulo. *Sociologia da educação: introdução ao estudo da escola no processo de transformação social*. 11.ed. São Paulo: Edições Loyola, 2003

MORRISH, I. *Sociologia da educação*. Rio de Janeiro: Zahar, 1993.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

GALLIANO, Guilherme A. *Introdução à Sociologia*. São Paulo: Habra, 2000.

GENTILI, Pablo; SILVA, Tomaz Tadeu da. (Org.). *Neoliberalismo, qualidade total e educação*. Petrópolis: Vozes, 2001.

GOMES, Candido Alberto. *A educação em perspectiva sociológica*. 3.ed., rev. e ampliada. São Paulo: EPU, 1994.

OLIVEIRA, Pársio Santos de. *Introdução à Sociologia*. São Paulo: Ática, 2001.

Sumário

Unidade 1 - A Sociologia no contexto da sociedade capitalista: origem e formação	9
Unidade 2 - Principais abordagens sociológicas e suas implicações para a educação	17
Unidade 3 - Karl Marx: a crítica da sociedade capitalista - a educação e a escola	22
Unidade 4 - Max Weber: a ação social - educação e burocracia.....	28
Unidade 5 - Abordagem pragmática e a pedagogia progressista	32
Unidade 6 - Abordagem reprodutivista da educação.....	37
Unidade 7 - Abordagem reprodutivista da educação - Pierre Bourdieu, Jean Claude Passeron	41
Unidade 8 - A mundialização do capital, a reestruturação produtiva e a Educação	46
Unidade 9 – Neoliberalismo.....	51
Unidade 10 - Pós-modernidade, multiculturalismo e educação.....	56
Unidade 11 - Movimentos sociais e educação.....	64
Unidade 12 - Os meios de comunicação e a mídia	70



A Sociologia no contexto da sociedade capitalista: origem e formação

Meta da unidade

Apresentação e análise dos principais fatores históricos culturais, como a Revolução Industrial e a Revolução Francesa, que possibilitaram o surgimento da Sociologia, sua formação e desenvolvimento.

Objetivos

Esperamos que, ao final desta unidade, você seja capaz de:

- identificar os aspectos históricos culturais que contribuíram para o surgimento da Sociologia;
- conhecer as bases teóricas da Sociologia que influenciaram o campo educacional.

Pré-requisitos

O estudo da Sociologia, para principiantes do curso de Pedagogia, tem como base disciplinas no nível médio como Filosofia, Sociologia e História.

Introdução

Nesta unidade, vamos conhecer como a Sociologia se consolidou como ciência. Inicialmente, iremos evidenciar a origem da palavra sociologia, depois daremos uma breve viagem histórica na Idade Moderna para conhecer os principais fatores que contribuíram para o surgimento da Sociologia no século XVIII, entre os quais as Revoluções Industrial e Francesa, com amplo significado para as transformações políticas, econômicas, tecnológicas, culturais e sociais na Europa, EUA, ampliando, ao longo do século XIX e XX, para todo o planeta Terra.

O surgimento da Sociologia

A princípio, podemos iniciar esta unidade indagando: o que é sociologia? Como surgiu? Quais os acontecimentos que possibilitaram sua origem? Quem é o autor dessa palavra?

Sociologia é um termo híbrido formado a partir de duas línguas: do latim *socio* com idéia de *social*, e do grego *logos* (razão), que exprime a idéia de “palavra” ou “estudo”. O termo Sociologia significa, portanto, “estudo do social” ou “estudo da sociedade”.

Essa palavra foi criada em 1839 por Auguste Comte, filósofo francês, considerado o ‘pai da Sociologia’. Comte achava que a Sociologia deveria ensinar os homens a aceitar a ordem existente. Mais à frente, entenderemos o porquê dessa idéia comteana.

Tendo agora conhecido a origem da palavra Sociologia, vamos, neste ver alguns acontecimentos históricos que marcaram seu. Esse surgimento ocorreu em um contexto histórico específico, que coincide com os derradeiros momentos da desagregação da sociedade feudal, bem como da consolidação da civilização capitalista.

Assim, a Sociologia como “ciência da sociedade” não surgiu de repente, nem resultou das idéias de um único autor, mas é, de acordo com Tomazi (2000), fruto de toda uma forma de conhecer e de pensar a natureza e a sociedade, que se desenvolveu a partir do século XIV quando ocorreram transformações sociais significativas, como o fim do Feudalismo e ascensão do Capitalismo.

O mundo europeu ocidental começou a sofrer transformações substantivas do ponto de vista econômico, político, cultural, científico, artístico, social e ideológico, a partir do século XIV.

Do ponto de vista econômico, a expansão do comércio além-mar, para além das fronteiras da Europa ocidental, pelos italianos (séculos XIV e XV), pelos portugueses, espanhóis ingleses, holandeses (a partir do século XVI), propicia o crescimento das principais cidades européias, o enriquecimento de um novo grupo de comerciantes, atrai os camponeses e servos dos feudos para as cidades e desencadeia um processo de desmoronamento do poder dos senhores feudais, que detinham até então o poder econômico, político e ideológico, juntamente com os poderes religiosos da Igreja Católica.

Nesse período conhecido como Renascimento, considerado pelos estudiosos como uma fase de transição para a Idade Moderna, os conhecimentos produzidos começam a descolar-se do poder religioso. A razão, em substituição à fé, é o instrumento de investigação dos cientistas, dos intelectuais, dos escritores e dos artistas. Há um retorno aos valores do mundo antigo grego: renascer do homem e da razão.

A valorização do homem como centro das preocupações e das decisões cria condições para o desenvolvimento das ciências teóricas e experimentais, não sem conflitos com a ideologia católica da época, paradigma dogmática e controladora dos saberes produzidos. Para **Galileu Galilei** (1564-1642), a terra gira em torno de seu próprio eixo e do sol, não mais é o centro do universo. Na Política, o italiano *Maquiavel* (1469-1527) funda a Ciência Política, com pressupostos que anunciam a separação entre os poderes político e religioso.

No campo religioso, *Martinho Lutero* introduz a Reforma Protestante, enfrenta a autoridade papal e a estrutura da Igreja. Essa reforma é uma tendência que contribuiu de modo significativo para a valorização do conhecimento racional (livre leitura das Escrituras Sagradas, em em contraposição o monopólio do clero na interpretação baseada na fé e nos dogmas). Os artistas renascentistas, célebres por suas obras de arte, utilizam-se do seu gênio criador e inventivo e das técnicas das ciências experimentais, como Leonardo da Vinci, Miguel Ângelo (Michelângelo), entre outros. A

Há uma ampla literatura sobre os movimentos culturais e científicos que você poderá pesquisar nas bibliotecas e sites na internet, filmes e documentários. Por ex. sobre Galileu, entre outros.

maior socialização do conhecimento junto a parcelas de segmentos sociais torna-se possível pela invenção de Gutemberg da imprensa com caracteres.

Esse processo de transformação, em alguns países da Europa ocidental, traz como conseqüência a mudança de paradigma econômico, político, cultural, científico, tecnológico que irá culminar, no final do século XVIII, com as conhecidas revoluções – industrial, na Inglaterra, e política, na França e nos Estados Unidos. Um novo modo de produção é gerado das entranhas do modo de produção feudal, o capitalismo, e novas luzes políticas emergem com os ideais democráticos defendidos pelos intelectuais “iluministas” franceses e também pelos líderes dos EUA. Conforme Costa (1997, p 36),

A legislação americana, instituindo a divisão do Estado nos três poderes e estabelecendo mecanismos para garantir a eleição legítima dos governantes e os direitos do cidadão, puseram em prática os ideais políticos liberais e democráticos modernos. Os Estados Unidos da América constituíram a primeira república liberal democrática burguesa.

Instaura-se a era ideológica da primazia do indivíduo sobre o coletivo, o conhecimento leigo desvinculado da religião, a primazia do conhecimento racional para todas as áreas do conhecimento. A ciência é a fonte que irá permitir a resolução dos problemas da humanidade.

No âmbito da nossa análise, para você compreender o surgimento da Sociologia como ciência no século XIX, é importante você perceber que, nesse contexto histórico social, as ciências teóricas e experimentais desenvolvidas nos séculos XVII, XVIII e XIX inspiraram os pensadores da área humana a analisar as questões sociais, econômicas, políticas, educacionais, psicológicas com enfoque científico.

Cabe destacar a influência das teorias da evolução biológica elaboradas por Spencer e Darwin, cujo método, calcado na observação e análise da realidade biológica, traz para os pensadores da área de humanas a crença na possibilidade de analisar os fenômenos sociais com objetividade, desde que sejam utilizados os procedimentos adotados pela Biologia. Se as ciências da natureza obtiveram sucesso na verificação e demonstração dos fenômenos, a explicação dos fenômenos sociais poderia utilizar igualmente seus métodos. Os fatos sociais poderiam ser mensurados e analisados objetivamente.

A consolidação do capitalismo no século XIX e as análises sociais do período

A associação da ciência à técnica gera descobertas que propiciaram o aumento da produtividade nas fábricas, como o uso de novas alternativas energéticas, desde a energia a vapor, a energia hidráulica, até chegar ao uso de combustíveis fósseis, como o petróleo, já no final do século XIX.



Registra-se, ainda, o aperfeiçoamento das máquinas de produção, o crescimento das fábricas, a ampliação do leque de produtos industriais, a melhoria dos meios de transporte terrestre, marítimo e fluvial, o aumento do comércio interno e externo entre países produtores industriais, no caso Inglaterra, e países fornecedores de matéria-prima.

Enquanto, na Idade Média, o sagrado era a base e o norte para todo tipo de conhecimento, no século XIX, esse caráter de sagrado passa a pertencer à ciência: com a crença generalizada de que os conhecimentos científicos poderiam descobrir e apontar aos homens o caminho em direção à verdade. Essa crença é generalizada a partir dos meados do século XIX até as primeiras décadas do século XX.

Simultaneamente, crescem a concentração da renda e a exploração dos trabalhadores pelos patrões. Os conflitos e lutas reivindicatórias dos trabalhadores por melhorias salariais e condições de trabalho surgem tanto na Inglaterra como nos EUA, palco de desigualdades sociais, pobreza, precárias condições de moradia, saúde, educação.

Os reflexos da Revolução Francesa fizeram com que os pensadores da época externassem suas opiniões acerca da ação revolucionária. Entre esses pensadores, destacam-se Aléxis de Tocqueville, Durkheim, Saint Simon.

A revolução gerou na sociedade uma “anarquia”, “perturbação”, “crise”, “desordem” na sociedade. Para tanto, a tarefa a que esses pensadores se propõem é a de racionalizar a nova ordem, encontrando soluções para o Estado de desorganização então existente. E, segundo esses pensadores, para obter o restabelecimento da “paz e ordem”, seria necessário conhecer as leis que regem os fatos sociais, instituindo, portanto, uma ciência da sociedade.

A formação da primeira escola científica do pensamento sociológico deve-se ao francês Augusto Comte, considerado o pai da Sociologia.

Augusto Comte (1798-1857): a abordagem positivista – uma primeira forma do pensamento social

Os fundadores da Sociologia assumem a tarefa de estabilizar a nova ordem. Comte, entre os pensadores da época, é também muito claro quanto a essa questão. Para ele, a nova teoria da sociedade, denominada por ele de positiva, deveria ensinar os homens a aceitar a ordem existente, deixando de lado a sua negação.

Se, por um lado, já existiam aqueles que combatiam a revolução e almejavam uma sociedade “organizada”, por outro, a França continuava, no início do século XIX, seu ritmo de uma “sociedade industrial, com uma introdução progressiva da maquinaria, principalmente no setor têxtil” (MARTINS, 1994, p.28). Esse avanço geraria também, na sociedade operária francesa, miséria e desemprego. Essas mesmas características assemelhavam-se às situações sociais vividas pela Inglaterra no início de sua Revolução Industrial.

Na concepção de Comte, considerado um de seus fundadores, a Sociologia deveria orientar-se no sentido de conhecer e estabelecer as ‘leis imutáveis da vida social’, isto é, essa ciência deveria abster-se de qualquer consideração crítica e, assim, eliminar discussão sobre a realidade existente,



Positivismo – corrente teórica, criada por Auguste Comte, que visa a estudar a sociedade cientificamente, com base nas ciências naturais como química, biologia, física e astronomia.

deixando de abordar, por exemplo, a questão da igualdade, da justiça e da liberdade.

Da forma como Comte idealizou a Sociologia – nos moldes positivistas – estaria, expresso o desejo de construí-la a partir dos modelos das ciências físico-naturais. Uma Sociologia de inspiração **positivista**, separada da economia política, que postule a independência dos fenômenos sociais em face dos econômicos.

Costa (1997, p.50-51) sintetiza algumas posturas da concepção positivista. A sociedade é interpretada, influenciada pelo darwinismo social, destacando-se os seguintes postulados:

- a sociedade evolui de duas formas: buscando a ordem e o progresso;
- o primeiro movimento na sociedade levaria à evolução, transformando as sociedades, segundo a lei universal, da mais simples para a mais complexa, da menos avançada a mais evoluída;
- o segundo movimento procuraria ajustar os indivíduos às condições estabelecidas, para garantir o melhor funcionamento da sociedade, o bem-comum e os anseios da maioria da população. A ordem social conduz ao progresso;
- os conflitos, as contradições, as revoltas deveriam ser contidos se tais movimentos colocassem em risco a ordem estabelecida ou inibissem o progresso.

A concepção de uma evolução linear, de estágios de sociedades mais simples para mais complexas, nos séculos XIX e XX, influenciou a perspectiva etnocêntrica dos antropólogos que consideravam as comunidades primitivas ou sociedades diferentes da sociedade européias. Sendo inferiores, deviam sofrer a intervenção das sociedades consideradas mais avançadas, como ocorreu no século XIX e XX com a política colonialista inicialmente de Portugal, Espanha, Inglaterra, França, Holanda, Alemanha, entre outros, em países da Ásia, África, América Latina e Central.

O pensamento positivista de Comte exerceu uma ampla influência junto aos intelectuais nos escalões do poder para manutenção da ordem em função do progresso.

Essa abordagem sociológica positivista não é a que irá colocar em questão os fundamentos da sociedade capitalista, nem tampouco a em que o proletariado encontrará a sua expressão teórica e orientação para suas lutas práticas. Foi no pensamento socialista, em suas diferentes nuances, que o proletariado buscou seu referencial teórico para levar adiante as suas lutas na sociedade de classes.

Com esses parâmetros, as análises sociológicas permitem compreender a complexidade dos fenômenos sociais e a importância que essas concepções tiveram para tomada de decisões nos diferentes países, até os dias atuais. Você estudará, nas unidades didáticas posteriores, os clássicos da Sociologia e suas teorias que ampliam as possibilidades de compreensão das sociedades e das relações entre educação e sociedade.

Martins (1994, p.33) concebe que

A Sociologia sempre foi algo mais do que meia tentativa de reflexão sobre a moderna sociedade. Suas explicações sempre contiveram intenções práticas, um desejo de interferir no rumo desta civilização, tanto para manter como para alterar os fundamentos da sociedade que a impulsionaram e a tornaram possível.

As relações entre educação e sociedade na Idade Moderna

Em se tratando de educação no período da Revolução Industrial e do surgimento e formação da Sociologia (entre séculos XVII a XIX), podemos evidenciar algumas características:

- ideal de educação: homem de espírito livre, capaz de dominar todos os campos do conhecimento;
- desenvolvimento das técnicas – especialização dos saberes;
- século da educação, da idéia de progresso e espírito científico, entre outros.

Esses ideais irão acontecer relativamente nas práticas educacionais, pelas condições históricas geradas em cada país no mundo ocidental europeu e norte-americano. As questões educacionais ocorrem de maneira gradativa aos acontecimentos políticos, econômicos e sociais.

As primeiras escolas organizadas nos países europeus (França, Inglaterra, Alemanha, entre outros) atendem alunos da burguesia nascente e seguem rígidos padrões de disciplina (as crianças devem comportar-se com ordem, ser obedientes). Nos currículos, são introduzidas matérias nas áreas das ciências naturais, matemática, mas a aprendizagem é prioritariamente teórica.

Nos Estados Unidos da América, no final do século XIX, a filosofia democrática, o desenvolvimento da Psicologia como ciência e a mentalidade pragmática dos americanos inspiram pensadores para formular propostas educacionais que irão influenciar até os dias de hoje, a educação escolar das crianças, inclusive no Brasil: a Escola Nova, com ênfase na relação teoria/prática a partir dos interesses das crianças. Você irá estudar, na unidade didática 6, as bases teóricas dessa corrente pedagógica.

A Sociologia possibilita condições, na área educacional, para que as discussões em relação a uma escola de qualidade ainda sejam possíveis. Isso porque, mesmo havendo, de um lado, tendências pedagógicas *não críticas*, à manutenção e preservação do sistema capitalista, há também, do outro lado, uma tendência *progressista*, que luta pela transformação social na escola.

Essas duas visões estão presentes na escola hoje. A segunda tem suas características próximas à educação libertadora, trabalhada por Paulo Freire, pedagogo conhecido internacionalmente. Nas próximas unidades didáticas, iremos estudar esse pensador com mais detalhes.

Além desses aspectos discutidos anteriormente, outro também se destaca: a “importância da educação”. Esse fato levou “os sociólogos como Durkheim ou Mannheim a se interessarem por ela, formando uma parte específica da Sociologia: a Sociologia da Educação” (KRUPPA, 1994, p.22).

Outra autora que também trata dessa questão é Lakatos (1990, p.27). A Sociologia da Educação, também denominada Sociologia Educacional ou



Sociologia Aplicada à Educação, examina o campo, a estrutura e o funcionamento da escola como instituição social e analisa os processos sociológicos envolvidos na instituição educacional. Exemplo desse tipo de Sociologia: a escola como agente de socialização e de controle social. Na próxima unidade didática, vamos conhecer a educação como tema da Sociologia, estudaremos alguns conceitos da Sociologia, presentes na escola, que são fundamentais para entender a relação educação e Sociologia.

Síntese da unidade

Aspectos importantes abordados nesta unidade:

- estudamos o significado da palavra Sociologia, as condições históricas para o seu surgimento;
- refletimos sobre a visão dos pensadores que defende uma sociedade do tipo conservador e positivista e de outros que acreditam nas mudanças transformadoras;
- discutimos o papel da escola no contexto da sociedade capitalista.

1 - Descreva o desenvolvimento da ciência e, em especial, os fatores que contribuíram para o surgimento da Sociologia. Registre suas percepções em um texto dissertativo com 15 linhas.

2 - Tendo como base o material exposto na Unidade didática, trace uma linha do tempo sobre a evolução da Sociologia, tentando relacioná-la com os dias atuais.

Comentário

Para responder a essas questões, tenha como base os aspectos fornecidos neste caderno, assim como, os sites relacionados à história da Sociologia. Tanto essa unidade quanto os sites tratam da Sociologia desde seu surgimento até sua, fornecem os primeiros conceitos que permearão nosso material instrucional: a apresentação do pensamento positivista elaborado por Comte, que serve de referência para se compreender o surgimento da Sociologia; o racionalismo, que tem sua nascente no final da Idade Média.

Referências

COSTA, Cristina. *Sociologia: uma introdução à ciência da sociedade*. São Paulo: Moderna, 2002.

LAKATOS, Eva Maria. *Sociologia geral*. 6.ed. São Paulo: Atlas, 1990.

MARTINS, Carlos Benedito. *O que é Sociologia*. São Paulo: Brasiliense, 1994. (Coleção primeiros passos: 57)

TOMAZI, Nelson Dacio (org.). *Iniciação à Sociologia*. 2.ed. São Paulo: Atual, 2000.



Informações sobre a próxima unidade

Estudaremos na próxima unidade as principais correntes de pensamento da Sociologia e relacionaremos com a educação, traçando, assim, um perfil da Sociologia e sua contribuição para o desenvolvimento da educação.



2 Unidade Didática

Principais abordagens sociológicas e suas implicações para a educação

Meta da unidade

Apresentação dos principais conceitos sociológicos de Emile Durkheim e análise do papel da educação na formação dos indivíduos na sociedade.

Objetivos

Esperamos que, ao final desta unidade, você seja capaz de:

- compreender o significado de fato social e relacioná-lo com a educação;
- estabelecer alguns parâmetros da teoria durkheimiana para a educação.

Pré-requisitos

Na unidade 1, estudamos o surgimento e a formação da Sociologia e os conhecimentos básicos para a compreensão das teorias da Sociologia da Educação. Tais conhecimentos são de suma importância para a formação de educadores e sociólogos na corrente de pensamento inspirada em Durkheim.

Introdução

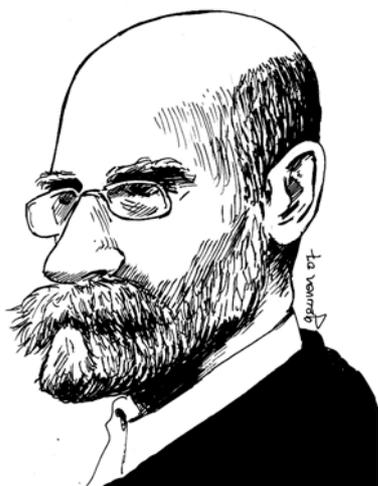
Entre os principais representantes da Sociologia clássica, existe a figura de Émile Durkheim, cujas referências históricas e contribuição educacional são importantes tanto para sua época como para os dias atuais. Você irá estudar sua teoria sociológica e sua visão de educação.

Émile Durkheim

É considerado um dos pioneiros da Sociologia e o mais importante precursor do moderno funcionalismo. Sua abordagem teórica e metodológica é denominada funcionalista. Por que essa denominação?

Influenciado pelo positivismo de Comte e pelas teorias evolucionistas na Biologia, Durkheim concebe a Sociedade como um organismo vivo. O organismo dos seres vivos é constituído de órgãos que funcionam de forma interdependente para manter sua sobrevivência e equilíbrio. As sociedades humanas são semelhantes. Essas sociedades buscam manter seu equilíbrio e coesão por meio das instituições e das interações sociais.

Funcionalismo - Corrente sociológica relacionada ao pensador francês Émile Durkheim (1858-1917). Para ele cada indivíduo exerce uma função específica na sociedade e sua má execução significa um desregramento da própria sociedade. Sua interpretação de sociedade está diretamente relacionada ao estudo do fato social, que para ele apresenta características específicas: exterioridade e a coercitividade. O fato social é exterior na medida que existe antes do próprio indivíduo e coercitivo na medida em que a sociedade impõe tais postulados, sem o consentimento prévio do indivíduo. Retirado de "<http://pt.wikipedia.org/wiki/Funcionalismo>"



De sua teoria, podemos destacar a concepção de **fato social**. Para esse pensador, os fatos sociais são o objeto de estudo da Sociologia, são justamente as condutas de regras e normas (leis) coletivas que orientam a vida dos indivíduos em sociedade. Mas o que é sociedade para Durkheim? É um conjunto de normas de ação, pensamento e sentimento que não existem apenas na consciência dos indivíduos, mas que são construídos exteriormente, isto é, fora das consciências individuais. Os homens em sociedade se defrontam com regras de conduta, regras essas conhecidas por leis, códigos, decretos, constituições.

Em outras palavras, fato social é um modo de agir permanente ou não, que DE exercer alguma forma de coerção externa ao indivíduo. Os fatos sociais têm como características: *exterioridade*, *coercitividade* e *generalidade*. A exterioridade consiste em idéias, normas ou regras de conduta que não são criadas isoladamente pelos indivíduos, mas pela coletividade.

A coercitividade consiste em normas e regras que devem ser seguidas pelos membros da sociedade. A não obediência a essas leis gera punição, que ocorre quando alguém desobedece ao grupo. A generalidade (universalidade) consiste em as normas poderem ser percebidas em qualquer lugar.

A educação é um exemplo de fato social. Por quê? Porque o indivíduo não nasce sabendo previamente as normas de conduta necessárias para a vida em sociedade. Essa deve educar os seus membros para aprenderem as regras necessárias à organização da vida social. Ou seja, as gerações adultas transmitem às crianças e adolescentes aquilo que aprenderam ao longo de sua vida em sociedade. Podemos exemplificar bem essa teoria de Durkheim com as tradicionais famílias brasileiras dos séculos XIX e XX, especialmente aquelas que transmitiram seus valores de comportamento. E a escola, como pode ser contextualizada na concepção de Durkheim?

Conforme vimos, a criança aprende com os adultos as regras e normas que são impostas pela sociedade.

Porém, na escola, seu aprendizado ocorre a partir das idéias, sentimentos e hábitos que são ausentes ao nascer, mas essenciais para a vida em sociedade.

Durkheim e a Educação

Durkheim viu na educação o meio pelo qual a sociedade se perpetua.

A educação transmite valores morais que integram a sociedade, por isso, a mudança educacional é importante a partir de dois prismas: pelo reflexo das mudanças sociais e culturais e por ser agente ativo de mudanças que envolvem a sociedade. Durkheim ainda assinala que os educadores, especialmente no Ensino Fundamental, poderiam provocar mudanças na educação e, por conseqüência, na sociedade. Durkheim (apud Gomes, 1994, p.32) considera a educação como a:

Ação exercida pelas gerações adultas sobre as gerações que não se encontram ainda preparadas para a vida social. O objeto da educação faz nascer e desenvolver na criança certo número de estados físicos, intelectuais e

morais, reclamados pela sociedade política no seu conjunto e pelo meio especial a que a criança, particularmente, se destine.

A partir de vários exemplos históricos, Durkheim mostra que a educação é estruturada de modo a assegurar a sobrevivência da sociedade.

Esse pensador destaca duas funções da educação: a uniformizadora, que visa à integração do indivíduo no contexto da sociedade, transmissão de valores e desenvolvimento de atitudes comuns; e a diferenciadora, que reforça a divisão social do trabalho.

A análise desenvolvida por Durkheim revela o grande valor de uma abordagem precursora do moderno funcionalismo e, por isso, ele opõe-se à simples descrição da forma manifesta de um fenômeno social. Fazendo uma análise de sua teoria, podemos observar algumas vantagens e limitações.

Conforme Gomes (1994), Durkheim, como sociólogo do **consenso**, não considera as contradições da “sociedade política” e não aborda as implicações de a sociedade ser composta por grupos em conflito, com diferentes relações de poder. Devido a essas constatações, alguns autores, entre eles Gomes, consideram Durkheim um pensador do paradigma do consenso.

No tocante a outras definições durkhemianas relativas à educação, podemos constatar limitações, como, por exemplo, quando ele reduz o processo educacional à ação de uma geração “madura” sobre uma geração “imatura” para a vida social. Gomes enfatiza a difícil tarefa de distinguir maturidade e imaturidade, quando, ao longo de sua vida, o indivíduo deve socializar-se para desempenhar vários papéis. Outro momento, dessas definições, relaciona-se ao fato de elas considerarem o processo educativo como unilateral, quando, na verdade, as gerações interagem e entram em conflito. Quanto ao educando, a definição de Durkheim atribui-lhe um papel passivo. A criança estaria “naturalmente” em estado de passividade. A definição de educando, nesse viés, é em grande parte determinista.

Um tema importante discutido nas teorias de Durkheim é relativo à autoridade do professor – é o eixo da pedagogia do pensador. Segundo sua concepção, o professor representa a sociedade e tem o direito legítimo de provocar os “estados físicos, intelectuais e morais” requeridos pela vida social. Portanto a função básica da educação é justamente a de transmitir os valores morais. O professor, por sua vez, exerce o seu poder em nome da sociedade instituída.

Assim, a teoria de Durkheim apresenta suas limitações, mas também tem suas virtudes, como mostra Gomes, assinalando que a obra de Durkheim continua sendo importante fonte de inspiração para o funcionalismo em seus desdobramentos de novas correntes. Sua obra constitui referência para autores de tendências diversas, pois eles têm encontrado nela inspiração. Um caso exemplar é o de Pierre Bourdieu, que aborda em seus estudos as relações entre educação e estrutura social.

Para Durkheim, a educação é importante e nos permite construir uma idéia da realidade, a partir de algumas questões:

- a educação tem realmente integrado o indivíduo à sociedade?

Paradigma do **Consenso** – os seguidores desse modelo viam a educação e a sociedade como integradoras, não enfocando as situações de contradições existentes na sociedade.

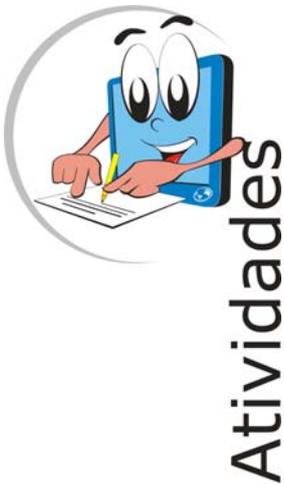
Determinismo é a doutrina que afirma serem todos os **acontecimentos**, inclusive **vontades** e **escolhas** humanas, **causados** por acontecimentos anteriores, ou seja, o homem é fruto direto do meio. Segue-se que o *ser humano* seria destituído de **liberdade** de **decidir** e de influir nos **fenômenos** em que toma parte. Retirado de <http://pt.wikipedia.org/wiki/Determinismo>

- as autoridades governamentais que representam o Estado têm proporcionado uma educação de qualidade?
- a escola norte-americana tem contribuído para diminuir a evasão escolar, a repetência e a violência no ambiente escolar?

São questões que fazem parte do cotidiano e dos problemas existentes na sociedade e devem ser uma preocupação de todos, especialmente dos gestores educacionais, para buscar alternativas aos problemas sócioeducacionais.

Síntese da unidade

Estudamos a abordagem funcionalista de Durkheim e sua concepção sobre sociedade e educação, com destaque para o conceito de fato social e para o papel da educação na formação das gerações mais jovens. Refletimos sobre a força e a importância desse pensamento na compreensão do fenômeno social e das várias esferas de organização da sociedade.



1 - Qual a importância dos fatos sociais, segundo Durkheim, e sua relação com a educação? Como você percebe essa importância em seu espaço de trabalho e de aprendizagem?

2 – Leia a citação:

A educação é a ação exercida pelas gerações adultas sobre as gerações que ainda não se encontram preparadas para a vida social. Tem por objetivo suscitar e desenvolver na criança certo número de estados físicos, intelectuais e morais reclamados pela sociedade política no seu conjunto e pelo meio social a que a criança particularmente se destina. (DURKHEIM, 1975, p.45)

Caracterize a educação, conforme Durkheim formulou em sua teoria. Busque, no cotidiano, exemplos que confirmem essa concepção de Durkheim.

Comentário

Responder a essas questões requer de você o entendimento do que é fato social e de sua relação com a educação. Para a questão 1, consulte o site http://www.antroposmoderno.com/antro-articulo.php?id_articulo=243!, site elaborado por Alberto Noé sobre educação e sociedade, que lhe dará subsídio para compreender a educação em Durkheim. Já para a questão 2, você poderá responder relendo as características da educação, segundo Durkheim, no texto desta unidade.

Referências

- DURKHEIM, E. *Educação e Sociologia*. São Paulo. Melhoramentos, 1975
- GOMES, Cândido Alberto. *A Educação em perspectiva sociológica*. 3.ed. rev. e ampl. São Paulo: EPU, 1994.
- MEKSENAS. Paulo. *Sociologia da educação: introdução ao estudo da escola no processo de transformação social*. 11.ed. São Paulo: Edições Loyola, 2003.
- KRUPPA, Sonia M. Portella. *Sociologia da educação*. São Paulo: 1994.
- TOMAZI, Nelson Dacio (org.). *Iniciação à Sociologia*. São Paulo: Atual, 2000.

Informações sobre a próxima unidade

Estudaremos Karl Marx e sua teoria crítica sobre a sociedade capitalista, bem como sua concepção de sociedade e sua relação com a educação.

3

Unidade Didática



Karl Marx: a crítica da sociedade capitalista – a educação e a escola

Meta da unidade

Apresentação da teoria de Karl Marx, enfocando sua visão crítica da sociedade capitalista e sua concepção de educação.

Objetivos

Esperamos que, ao final desta unidade, você seja capaz de:

- compreender a concepção marxista quanto às condições oferecidas pela sociedade capitalista no campo educacional;
- conhecer e analisar a teoria marxista no que diz respeito à educação.

Pré-requisitos

Para que você possa aproveitar esta unidade didática, é importante que faça a leitura da unidade 1 sobre a Sociologia no contexto da sociedade capitalista. Nela, há alguns aspectos relativos a conceitos trabalhados por Marx, em especial o aspecto histórico que nos fornecerá os subsídios necessários para que possamos compreender desenvolvimento do pensamento marxista.

Introdução

Em seus estudos, Marx analisa os conflitos e as contradições sociais e propõe alternativas para uma nova sociedade socialista. Sua obra resulta de estudos realizados durante oito anos, na Biblioteca de Londres, sobre os economistas que lhe antecederam, da análise de documentos sobre a situação dos operários na Inglaterra, de sua participação nos movimentos reivindicatórios dos trabalhadores.

Karl Marx (1818 - 1883)

Suas obras foram escritas com a colaboração de Friedrich Engels. É autor de célebres obras, como *O Capital*, um tratado crítico sobre o capitalismo e a sociedade burguesa; o *Manifesto Comunista*, esboço da teoria revolucionária destinado aos trabalhadores. O marxismo é uma das fontes clássicas do **paradigma do conflito**.

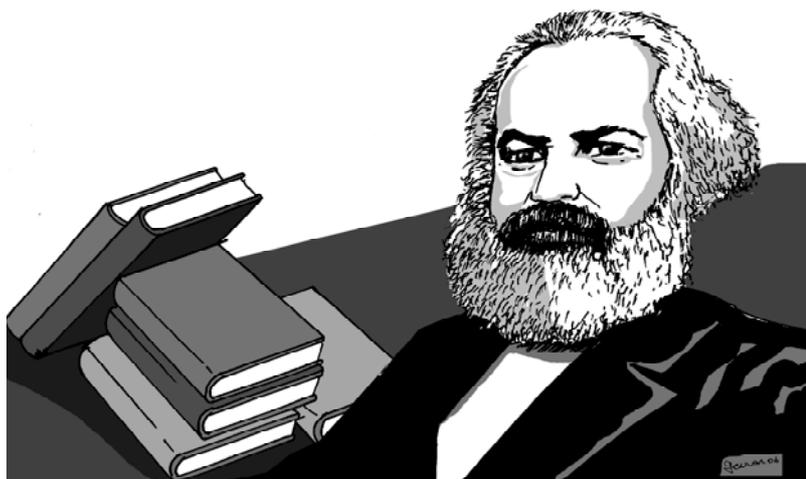
Em seus estudos, Karl Marx analisou os conflitos e as contradições da sociedade capitalista e propôs alternativas para uma nova sociedade socialista.

Principais obras de Marx:

A Miséria da Filosofia
A Sagrada Família
A Ideologia Alemã
O Capital.

Paradigma do Conflito –

modelo defendido por pensadores que idealizavam alternativas de uma nova sociedade e de novas idéias para a educação.



Durante o tempo que viveu na Inglaterra, no século XIX, os trabalhos de Marx foram uma resposta aos sérios problemas sociais decorrentes da Revolução Industrial. Nesse período, o capitalismo gerou contradições sociais e conflitos pela enorme diferença de renda entre capitalistas e trabalhadores.

Crítica à sociedade capitalista

Além de ter desempenhado outras funções, como a de jornalista, Marx dedicou-se a analisar alguns aspectos da vida social. Uma de suas contribuições foi discutir a relação entre indivíduo e sociedade. Tomazi (2000, p.21) assinala que Marx considerava que não se pode pensar a relação indivíduo-sociedade separadamente das condições materiais em que essas relações se dão. Ou seja, para viver, os homens precisam, inicialmente, transformar a natureza, isto é, comer, construir abrigos, fabricar utensílios, entre outros. Marx ainda ressalta que o estudo de toda sociedade deveria partir justamente das relações sociais que os homens estabelecem entre si para utilizar os meios de produção e transformar a natureza.

Em seus estudos, Marx tem como objetivo maior investigar a sociedade de seu tempo – a *sociedade capitalista*. Nela, as relações sociais de produção definem dois grandes grupos: os **capitalistas**, de um lado, que possuem os meios de produção (máquinas, ferramentas e capital) necessários para transformar a natureza e produzir mercadorias; os **trabalhadores**, do outro, também chamados, no seu conjunto, de proletariado, que nada possuem, a não ser o seu corpo e a sua disposição para trabalhar (TOMAZI, 2000, p.21).

Na sociedade capitalista, a produção só se realiza porque capitalistas e trabalhadores entram em relação. O capitalista paga ao trabalhador um salário e, no final da produção, fica com o lucro. Esse excedente é chamado de *mais-valia* (excedente de horas de trabalho não pagas).

Esse tipo de relação entre capitalistas e trabalhadores leva à exploração do trabalhador pelo capitalista. A mais-valia está associada ao conceito de alienação. Costa (1997) assinala que Marx desenvolve esse conceito mostrando que a industrialização, a propriedade privada e o assalariamento separam o trabalhador dos meios de produção. Que meios são esses? São as ferramentas, a matéria-prima, a terra e as máquinas, que se tornaram propriedade privada do capitalista. Separam, também, ou alienam o

Mais-valia é o nome dado por Karl Marx à diferença entre o valor produzido pelo trabalho e o salário pago ao trabalhador, que seria a base da exploração no sistema capitalista. Retirado de <http://pt.wikipedia.org/wiki/Mais-valia>

trabalhador do fruto de seu trabalho. Essas idéias são a base da alienação econômica do homem sob o capital.

O trabalho de Marx, conforme Gomes (1994, p.46), pode ser distinguido a partir de três pontos:

- os fatores econômicos determinam a estrutura social e a mudança social, ou seja, a organização social se sustenta em três fundamentos: as forças materiais de produção, com que o homem assegura sua subsistência a partir dos métodos; as relações de produção (relações e direitos de propriedade); as superestruturas legais e políticas, além das idéias e formas de consciência social;
- a história é a história da luta de classes sociais, que se caracteriza pela oposição das classes, com base em sua posição econômica e interesses divergentes. “A história segue, pois, um movimento dialético, de oposição de classes”;
- a cultura das sociedades de classe se caracteriza pela **ideologia**: as idéias estão intimamente condicionadas pelo modo de produção.

Ideologia – significa uma concepção ou visão de mundo ou ainda idéias que orientam as ações dos indivíduos, grupos ou instituições. Esta serve para manter ou mudar uma situação.

Assim, a classe que dispõe dos meios de produção controla a difusão intelectual e a educação.

O marxismo, propõe a deposição da classe dominante (a burguesia) por uma revolução do proletariado. O capitalismo, como modo de produção, é criticado por Marx pelo fato de possuir o sistema de livre empresa que, segundo ele, pelas contradições econômicas internas, levaria a classe operária à máxima exploração do seu trabalho em função dos lucros dos capitalistas. Propõe, assim, uma sociedade em que os meios de produção sejam de toda a coletividade, com a distribuição igualitária de riqueza produzida.

Marx e a educação

Existem na literatura sociológica alguns teóricos como Roger Establet e Christian Baudelot, sociólogos franceses, que tentam seguir e aprofundar o pensamento de Karl Marx no tocante à educação.

Esses autores, conforme Meksenas (2003, p.70), seguindo as idéias de Karl Marx, tentam reforçar a idéia de que,

Sendo a sociedade capitalista desigual devido à exploração de uma classe social por outra, o processo educativo que se dá dentro da escola também é desigual, pois a escola é instituição sob controle da classe dominante, reprodutora das desigualdades sociais.

Outros autores também comentam que a concepção de Karl Marx quanto à educação está, da mesma forma, ligada ao horizonte das relações sócioeconômicas de sua época. Santos (2005) assinala que, segundo Marx e Engels, a educação, na sociedade capitalista, é um elemento de manutenção de hierarquia social.

Meksenas (2003) assinala as visões diferentes de Durkheim (que considerava a educação una e múltipla, sem analisar as relações de classe) e de Marx (que enfocava a educação segundo a diferença de classes). A classe empresarial é educada para dirigir a sociedade de acordo com seus interesses, enquanto os membros da classe trabalhadora são disciplinados e adestrados para o trabalho e para aceitarem com submissão a sociedade capitalista como ela se apresenta.

Marx analisa criticamente a educação de classe, cuja escolaridade da classe trabalhadora tem dois objetivos:

- preparar a consciência do indivíduo para perceber apenas a visão de mundo da classe empresarial como correta, isto é, transmitir sua ideologia;
- preparar o indivíduo para o trabalho, fazê-lo aprender o necessário para lidar com seus instrumentos de trabalho, além de disciplinar e treinar corpo e mente, para o adequado desempenho de suas tarefas no trabalho.

Essa análise está relacionada às características da sociedade capitalista, ou seja, à existência de conflitos, contradições e desigualdades sociais. Porém, diante de tantas adversidades, parece existir alguma aresta, e ela pode ser a educação escolar. Ou seja, o ensino aparece como instrumento para o conhecimento e também para a transformação da sociedade e do mundo. Esse é o potencial revolucionário da educação:

- o conhecimento é fonte de poder - a partir dele é possível dominar com mais facilidade outra pessoa;
- a realidade escolar, vista por meio da educação de classe, é semelhante à grande disparidade entre a classe empresarial e a classe trabalhadora.

Analisando a crítica de Marx à educação, aparece de maneira evidente a semelhança da escola de seu tempo com a escola contemporânea. Vivemos em um sistema capitalista, no qual quem tem conhecimento tem poder. Por isso, a estratégia de poder da classe dominante é manipular o saber. Em contrapartida, a classe trabalhadora busca o direito à educação e atua para que a escola se transforme em uma instituição que possa representar também os interesses proletários.

Diante disso, podemos analisar algumas questões:

- as escolas discutem, analisam e trabalham as diferenciações sociais?
- que comparações podem ser feitas a partir das idéias de Marx e a realidade escolar?
- como se comportam as escolas privadas frente a algumas situações de classe (social)?

O espaço da aprendizagem é também um espaço de desigualdades, pois a escola, enquanto instituição, é reprodutora das desigualdades sociais.

A realidade vivida pelas escolas, como evasão escolar, repetência, ausência de vagas, devem ser objeto de reflexão, tendo em vista a divisão de classes (dominante e dominada), característica do sistema capitalista.

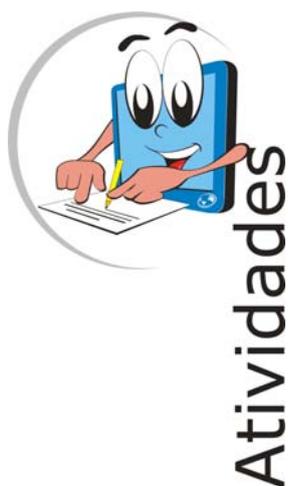
Marx assinala que a situação da educação é peculiar no sentido de que “[...] de um lado, é preciso que as circunstâncias sociais mudem para que se estabeleça um sistema adequado de educação, mas, de outro lado, é necessário um sistema educacional adequado para produzir-se a mudança das circunstâncias sociais” (MARX apud GOMES, 1994, p.47).

Em outro momento, Marx afirma que a educação não possui suficiente força revolucionária.

Em decorrência dessa concepção, ele considerou que a combinação de trabalho produtivo, educação mental, exercício físico e treinamento politécnico seria muito importante para a educação socialista. A abolição da divisão do trabalho, segundo Marx, requer a associação do trabalho manual e intelectual, de tal forma que a educação seria encarregada da preparação das pessoas para os novos papéis a elas destinados na sociedade socialista (GOMES, 1994, p.48).

Síntese da unidade

Nesta unidade, abordamos a visão de Marx sobre a sociedade capitalista, em que aparecem as relações de conflito entre, de um lado, os donos dos meios de produção e, do outro, quem vende a força de trabalho. Dessa relação resulta a mais-valia para a classe burguesa. Também foi objeto desta unidade a concepção marxista acerca da influência da sociedade na educação.



1 - Observe as situações abaixo e analise-as, tendo como base a teoria marxista.

- a) Zezinho é um aluno de escola particular, que ganhou bolsa integral. Todos os dias ele percorre alguns quilômetros para chegar à escola, depois de ajudar seu pai na padaria todas as manhãs. Porém Zezinho tem tido dificuldade de compreender as aulas de matemática e de português, pois sempre está com sono.
- b) Em uma escola pública, os alunos são taxados cotidianamente por um professor de “burros” por não entender aquilo que é desenvolvido na sala de aula. Diz ele que os alunos só poderão exercer atividades braçais por não possuírem capacidade mental de assimilação.

2 - Que importância tem a teoria de Marx para a crítica da sociedade capitalista nos dias atuais? Redija um pequeno texto com 10 linhas.

3 - Qual a contribuição da visão marxista sobre a educação para as escolas atuais? Reúna suas percepções e programe um debate com a turma. Tente socializar os conceitos percebidos por você.

Comentário

Para responder a essas questões, você necessita reler os apontamentos que descrevem o pensamento de Marx detalhado nesta unidade, além de pesquisar a visão de Marx sobre a sociedade capitalista no site <http://pt.wikipedia.org/wiki>. Lembre-se de que você deverá posicionar-se em todas as questões com base na teoria marxista!

Referências

COSTA, Cristina. *Sociologia: uma introdução à ciência da sociedade*. 2.ed. São Paulo: Moderna, 1997.

GOMES, Cândido Alberto. *A educação em perspectiva sociológica*. 3.ed. rev. e ampl. São Paulo: EPU, 1994.

MEKSENAS, Paulo. *Sociologia da educação: introdução ao estudo da escola no processo de transformação social*. 11.ed. São Paulo: Loyola, 2003.

SANTOS, Robinson dos. Considerações sobre a educação na perspectiva marxiana. In: *Revista Espaço Acadêmico*, nº 44, janeiro de 2005. Disponível em: <http://www.espacoacademico.com.br/044/44pc_santos.htm>. Acesso em: 10 de jul de 06.

TOMAZI, Nelson Dacio (org.). *Iniciação à Sociologia*. São Paulo: Atual, 2000.

Informações sobre a próxima unidade

Estudaremos Max Weber, sua teoria da ação social, com relação à inter-relação dos indivíduos, a análise das formas burocráticas e organizativas, sua relação com a educação.

4

Unidade Didática



Max Weber: ação social, educação e burocracia

Meta da unidade

Análise das concepções teóricas de Weber, em especial seu conceito de ação social e de burocracia, no âmbito das relações entre sociedade e educação.

Objetivos

Esperamos que, ao final desta unidade, você seja capaz de:

- entender o aspecto conceitual da ação social e sua contribuição para a ação do indivíduo na sociedade;
- identificar o conceito de burocracia presente na educação escolar.

Pré-requisitos

Releia a unidade sobre Durkheim e destaque o conceito de sociedade, fato social e educação. Reveja, também, a visão marxista de sociedade capitalista, o ideal de uma nova sociedade socialista e o papel da educação na luta de classes.

Introdução

A Sociologia, enquanto ciência, contribui nos mais vastos campos do conhecimento científico. Seus autores clássicos participam ativamente dessa consolidação. Por isso, estudaremos a teoria de Max Weber, que analisa a educação, com base em seu estudo sobre autoridade, burocracia, poder e hierarquia.

Max Weber

Max Weber acreditava firmemente nos ideais democráticos e buscava caminhos que libertassem o homem da cristalização da democracia.

Para Max Weber, o objeto da Sociologia é a **ação social**, isto é, toda ação que o indivíduo pratica orientando-se pela ação de outros.

Para entendermos melhor, vamos a um exemplo próximo de nós, citado por Tomazi (2000, p.19). O eleitor define seu voto orientado pela ação dos demais eleitores. Ou seja, temos a ação de um indivíduo, mas essa ação só é compreensível se percebermos que a escolha feita por ele tem como referência o conjunto dos demais eleitores.



Assim, segundo Weber, só vão ocorrer relações sociais no momento que se estabelecer uma relação significativa, isto é, algum tipo de sentido entre várias ações sociais. A ação social só vai existir quando o indivíduo tentar estabelecer algum tipo de comunicação, a partir de suas ações, com os demais. Mas podemos perguntar: qual o momento em que não ocorre a ação social? Esse momento se dá quando, por exemplo, dois ciclistas andam na mesma rodovia em sentidos opostos. O simples choque entre eles não é uma ação social. Porém a tentativa de se desviarem um do outro já pode ser considerada uma ação social, uma vez que o ato de desviar-se para um lado já indica para o outro a intenção de evitar o choque, esperando uma ação semelhante como resposta (TOMAZI, 2000, p.19).

Weber estabelece diferentes tipos de ação social, agrupando-os de acordo com o modo pelo qual os indivíduos orientam suas ações:

- ação social **tradicional** – ação determinada por um costume ou um hábito arraigado. Exemplo: um estudante de um determinado curso, como o de Medicina, segue a tradição da família de exercer a medicina e, para não fugir à regra, resolve fazer esse curso;
- ação social **afetiva** – ação determinada por afetos ou estados emocionais. Exemplo: o ato de uma pessoa presentear outra, movida por um sentimento de amizade;
- ação social **racional com relação a valores** – ação determinada pela crença consciente em um valor considerado importante, independentemente do êxito desse valor na realidade. Exemplo: fazer um curso, pois o que interessa é o fato de a pessoa considerar importante algo para a sua vida;
- ação social **racional com relação a fins** – ação determinada pelo cálculo racional que estabelece fins e organiza os meios necessários. Exemplo: fazer um determinado curso, colocando em primeiro plano essa finalidade, tudo o que a pessoa fizer está voltada para tal.

Max Weber encara a Sociologia como ciência interpretativa, que investiga valores, embora nem por isso deva estabelecer normas e ideais. Assim, diferencia-se de Durkheim por não enfatizar normas sociais, e de Karl Marx por não propor a formação de uma sociedade ideal.

Destacamos em sua obra conceitos relevantes como burocracia, autoridade, estratificação social, que podem ser utilizados na análise de questões educacionais. Max Weber não analisa especificamente a educação.

Outros teóricos contemporâneos se detêm em estudar a escola, inspirados nas teorias de Weber, observando que existem temas que podem ser explorados, tais como a organização. Desses trabalhos destacamos – *A Escola e sua organização*, de Ivor Morrish. Nessa pesquisa, o autor indica o trabalho de Weber que trata de autoridade e burocracia.

Para Weber, a autoridade é uma forma particular de poder. Ela é definida e sustentada pelas normas do sistema social e, de modo geral, aceita como legítima pelos que dela participam. Como tal, a maioria das formas de autoridade está ligada não a indivíduos, mas às posições – status – que eles ocupam em sistemas sociais. Os tipos de autoridade podem ser:

Ver texto de Ivor Morrish A escola e sua organização, que utiliza para análise as categorias autoridade e burocracia de Max Weber.

- legal-racional – hierarquia organizada;
- tradicional – autoridade herdada (parentesco);
- carismática – qualidades individuais e pessoais.

A **burocracia**, por sua vez, é um tipo de organização baseada na autoridade legal, isto é, uma forma de autoridade legitimada pela crença na supremacia da lei. Atualmente, esse termo designa o governo de uma casta (tipo de classe social, comum na Índia) de altos funcionários ou burocratas.

Nas sociedades contemporâneas, inúmeras organizações têm caráter burocrático, como os sistemas escolares, hospitais, empresas, órgãos governamentais. A escola, como instituição, possui estruturas hierárquicas.

A escola, como organização, pode ser tão variada quanto as personalidades que a compõem. Contudo é uma forma de burocracia com autoridade, baseada em uma hierarquia que pode controlar por meio da força, da recompensa, da punição, da persuasão, da coesão ou da autodisciplina.

A partir da concepção de Max Weber, podemos fazer alguns questionamentos relativos à escola de nosso tempo: como se dá a autoridade na unidade escolar? Que critérios são utilizados na escola quando se trata da burocracia? De que maneira os educadores lidam com a questão da hierarquia na escola?

Burocracia – atualmente esse termo tem um significado pejorativo pelo excesso de mecanismos e rituais adotados em instituições para tomadas de decisões: acúmulo de papéis e carimbos que passam por inúmeras repartições até o destino final.

Síntese da unidade

Vimos os principais conceitos sociológicos de Max Weber: o significado de ação social e seus diferentes tipos: o tradicional; o afetivo; o racional com relação a valores; o racional com relação a fins. Destacamos, também, os conceitos de burocracia e autoridade que podem ser utilizados na análise dos sistemas escolares.

1 - Que importância e significado tem a teoria da burocracia weberiana para a educação atual?

2 - Verifique nas práticas escolares se a burocracia (conforme Weber) está a serviço da eficiência e eficácia das finalidades da educação ou se está servindo para dificultar as atividades educacionais.

3 - Elabore uma análise comparativa entre as concepções de Durkheim, Karl Marx e Weber sobre sociedade e educação, evidenciando suas diferenças, conforme o quadro abaixo:

	Fenômeno social	Visão de mundo	Visão de homem	Visão de educação
Durkheim				
Marx				
Weber				

4 – Quando nos deparamos com o estudo da Sociologia, encontramos as várias correntes de pensamento que servem de referência para o entendimento dessa ciência. Nesse sentido, no pensamento de Max Weber, um de seus conceitos é:

- a) A solidariedade social de tipologia mecânica
- b) A burocracia
- c) A alienação
- d) A anomia

Após a identificação da alternativa correta, redija um texto em que você analisa o porquê das alternativas incorretas.

Comentário

Para responder a essas atividades, faça uma síntese desta unidade destacando o significado dos principais conceitos de Weber (terminologia, ação social, burocracia). Para conseguir esse objetivo, leia atentamente as unidades anteriores que abordam as teorias de Emile Durkheim e de Karl Marx e pesquise em livros e/ou na internet sobre o tema.

Referências

GOMES, Cândido Alberto. *A Educação em perspectiva sociológica*. 3.ed. rev. e ampl. São Paulo: EPU, 1994.

TOMAZI, Nelson Dacio. *Iniciação à Sociologia*. 2.ed. ver. e ampliada. São Paulo: Atual, 2000.

MORRISH, Ivor. *Sociologia da educação*. São Paulo: Zahar, 1973.

Informações sobre a próxima unidade

Estudaremos a abordagem pragmática e a Pedagogia Progressista na visão de Dewey, que construiu sua teoria com base no pensamento de Emile Durkheim, inspirou a Escola Nova e influenciou os autores brasileiros Azevedo e Teixeira.

5 Unidade Didática



Abordagem pragmática e pedagogia progressista

Meta da unidade

Apresentação da concepção progressista de Dewey sobre a Escola Nova e sua influência na educação.

Objetivos

Esperamos que, ao final desta unidade, você seja capaz de:

- identificar os principais aspectos da concepção de Dewey sobre a Escola Nova;
- evidenciar as teorias de pensadores brasileiros que contribuíram para a Escola Progressista.

Pré-requisitos

Para entender a concepção de John Dewey, é necessário que você tenha compreendido a teoria de Durkheim, uma vez que Dewey foi influenciado por sua teoria. Nesse sentido, o pensamento de Dewey parte de uma visão funcionalista para o entendimento da sociedade e em especial da educação, embora em uma perspectiva mais progressista.

Introdução

Enfocaremos John Dewey pela sua considerável contribuição à Pedagogia Progressista, em que podemos verificar um avanço bastante significativo em relação a Durkheim por considerar o lado prático da ação pedagógica, com enfoque na sociedade democrática.

John Dewey (1859 - 1952)

É, certamente, um dos mais influentes pensadores na área da educação contemporânea. Filósofo, psicólogo e pedagogo, posicionou-se a favor do conceito de *Escola Ativa*, na qual o aluno precisa ter iniciativa e originalidade e agir de forma cooperativa.

É considerado um filósofo pragmatista (instrumentalista) e conhecido como o grande filósofo da educação moderna. Conforme alguns autores, como Aranha (1996), John Dewey é influenciado pelo *pragmatismo* de William James (principal representante do pragmatismo – 1842-1810) e prefere usar as expressões *instrumentalismo* ou *funcionalismo* para identificar a sua teoria.



Principais Obras de John Dewey:
A Escola e a Sociedade;
Democracia e Educação

Ao contrário de boa parte dos filósofos da sua época, especialmente dos europeus, que se sentiram atraídos por ditadores e por regimes fortes, foi um pregador intransigente das virtudes do individualismo e dos valores da democracia. Identificou o seu nome de modo definitivo com a educação escolar de massa, que caracterizou o século XX.

Dewey acreditava que escolas que atuavam em uma linha de obediência e submissão não eram efetivas quanto ao processo de ensino-aprendizagem. Seus trabalhos alinhavam-se com o pensamento liberal norte-americano e influenciaram vários países, inclusive o movimento da Escola Nova no Brasil. Posteriormente, discutiremos a influência que Dewey despertou nos pensadores brasileiros.

Em suas teorias, esse pensador fez severas críticas à educação tradicional, sobretudo à predominância do intelectualismo e da memorização. O fim da educação é dar condições à criança para que resolva por si própria os seus problemas. Com relação à experiência, Dewey concluiu que a escola não pode ser uma preparação para a vida, mas é a própria vida. Por isso, vida-experiência-aprendizagem não se separam.

A escola possibilita a reconstrução continuada que a criança faz da experiência. Segundo Dewey, a escola progressista consiste no crescimento constante da vida, à medida que aumentamos o conteúdo da experiência e o controle que exercemos sobre ela (ARANHA, 1996).

Além dessas idéias, conforme a literatura analisada, verificamos que a pedagogia de Dewey é rica em aspectos inovadores. Sua principal marca se encontra na oposição à escola tradicional. Reforça a adaptação do aluno à sociedade democrática, que não é questionada em momento algum. Trata-se de uma teoria que representa plenamente os ideais liberais, sem colocar em evidência os valores burgueses.

A escola, para Dewey, deve ser uma miniatura da sociedade democrática, dotada de igualdade, de modo que o aluno possa transferir suas experiências para a sociedade inclusiva, contribuindo para a mudança e implantação de estruturas sociais democráticas. O papel da escola, segundo ele, é reproduzir a comunidade em miniatura, apresentar o mundo de um modo simplificado e organizado e, aos poucos, conduzir as crianças ao sentido e à compreensão das coisas mais complexas. Em outras palavras, o objetivo da escola deveria ser ensinar a criança a viver no mundo (RAMALHO, 2003).

Entretanto, na atualidade, registra-se um retorno às propostas educacionais da Escola Nova progressista, na medida em que propõe práticas democráticas e progressistas no interior das escolas. Vamos ver essa realidade nas concepções de Fernando de Azevedo e Anísio Teixeira, educadores brasileiros, que se mobilizaram em favor da Escola Nova e foram influenciados em sua produção pela obra de John Dewey.

O Pragmatismo no Brasil e a Escola Progressista

A concepção de John Dewey acerca do pragmatismo, ainda hoje, é referência importante para muitos autores.

No Brasil, os nossos intelectuais também lutaram para que o espaço escolar fosse para todos. Fernando de Azevedo, Anísio Teixeira, entre outros, são nomes que se destacam nesse processo.

“Eu acredito que educação é o método fundamental do progresso social e da reforma [...]. Através da educação, a sociedade formula o seu próprio propósito, podendo organizar seus próprios meios e recursos [...] dirigindo-os no sentido em que ela pretende mover-se” (JOHN DEWEY).



Fernando de Azevedo (1894 -1974)

Fernando de Azevedo nasceu em São Gonçalo do Sapucaí, MG. Foi professor, educador, crítico, ensaísta e sociólogo.

No Brasil, sua filosofia foi a base teórica que teve destaque no eixo temático do Paradigma do Consenso. Desenvolveu seus estudos baseando-se nas teorias de Durkheim e de John Dewey. É representante ilustre da tendência filosófico-sociológica da Sociologia da Educação no Brasil.

Sua concepção de educação é evidenciada em *Sociologia Educacional* (1951), quando mostra que, mesmo nas sociedades homogêneas, se esboça uma educação organizada que se desenvolve de acordo com a divisão social do trabalho. Com a complexidade crescente da sociedade, o aparelhamento educacional vai adquirindo também cada vez mais complexidade. Quanto aos sistemas educativos, Azevedo (1951), mostra que tais sistemas

variam também de acordo com as formas de sociedade, só sendo compreendidos em função do todo. Por isso, seguem os valores sociais, homogeneizando os indivíduos sob certos aspectos e diferenciando-os sob outros, sempre tendo em mira a perpetuação da sociedade.

Outros aspectos que devemos focar das idéias de Azevedo são:

- a preocupação com uma política educacional, norteadora por um “grande ideal orientador”, formada na percepção das realidades nacionais e da vida pelos ideais científicos de educação;
- a concepção das universidades como organismos vivos “adaptados às sociedades e destinados a acompanhar, interpretar e dirigir-lhe a evolução”, com o objetivo de transmitir o conhecimento científico.

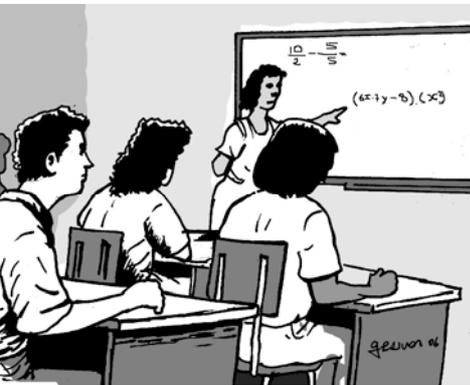
Azevedo destaca o papel socializador da educação, seu caráter coercitivo, sua importância para a integração social e as relações entre mudança social e educacional.

No Brasil em que viveu, marcado pela emergência da sociedade urbano-industrial, uma das preocupações foi o ajustamento da educação às novas condições histórico-sociais, expresso no **Manifesto dos Pioneiros (1932)**. Esse documento defende a educação obrigatória, pública, gratuita e leiga como um dever do Estado, a ser implantada em programa de âmbito nacional. Critica o sistema dual, que destina uma escola para os ricos e outra para os pobres, reivindica a escola básica única (ARANHA, 1996, p.198).

Anísio Spinola Teixeira (1900 - 1971)

Anísio Spínola Teixeira nasceu em Caetité (BA). Escolanovista, como outros intelectuais brasileiros, produz obra abundante, pretendia modelar o ensino no Brasil. Foi educador e ensaísta e contribuiu para o meio educacional, participando do Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova. Teixeira baseia sua teoria em Durkheim e, sobretudo, em John Dewey. Durkheim encara a educação como processo de ajustamento a uma determinada sociedade, e Dewey considera o processo educacional de

Principais Obras de Fernando de Azevedo:
Sociologia Educacional
Princípios da Sociologia



Manifesto dos Pioneiros (1932) – sob a inspiração de novos ideais de educação, foi gerado, no Brasil, o movimento de reconstrução educacional, com que, reagindo contra o empirismo dominante, um grupo de educadores pretendeu transferir do terreno administrativo para os planos político-sociais a solução dos problemas escolares. Disponível em: <<http://infoutil.org/novaescola/pages/manifeto.htm>>. Acesso em 18/07/2005

maneira dinâmica. Por essas e outras idéias, os brasileiros também escreveram acerca de suas realidades educacionais, tendo como base essas teorias. Um exemplo é Anísio Teixeira.

Em sua participação no Manifesto dos Pioneiros da Escola Nova, Teixeira e outros educadores, sob o paradigma do pensamento liberal democrático, defendem a escola pública para todos, a fim de alcançar uma sociedade igualitária e sem privilégios. Anísio Teixeira, em suas obras, relatou sua preocupação com a educação brasileira e assinalou a acentuada seletividade da educação no Brasil em todos os seus níveis, seletividade baseada na desigualdade de oportunidades. Sua defesa, em primeiro lugar, é por uma educação adequada às classes populares, com a finalidade de aumentar sua produtividade e seu nível de vida.

A contribuição de Teixeira é inegável para a educação brasileira. Destacou-se como secretário de Estado do Rio de Janeiro dos anos de 1931 a 1934. Nessa gestão, criou uma rede municipal de ensino completou, que ia desde a escola primária à universidade. Teixeira completa, em 1935, a montagem da rede de ensino, criando a **Universidade do Distrito Federal (UDF)**, que se destacou por ter mudado o Ensino Superior brasileiro (foi extinta em 1938, durante o Estado Novo).

Foi perseguido e cassado em 1935 no governo de Getúlio Vargas, refugiou-se em sua cidade natal até 1945. Nesse período, atuou como empresário. Ao voltar às suas atividades educacionais, em 1946, assumiu o cargo de Conselheiro da Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (UNESCO) e, em 1947, tomou posse na Secretaria de Educação de seu Estado, a Bahia. Nessa gestão criou, em 1950, o **Centro Educacional Carneiro Ribeiro**, em Salvador, a *Escola Parque*, experiência pioneira no país com uma concepção de tempo integral e uma metodologia baseada nas concepções da Escola Nova Progressista.

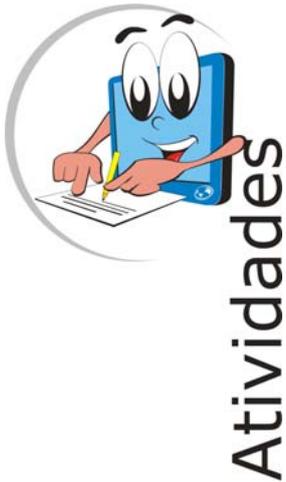
Já no ano de 1951, assumiu o cargo de secretário-geral da Campanha de Aperfeiçoamento do Pessoal de Ensino Superior (CAPES) e, no ano seguinte, assumiu o de diretor do Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos (INEP), permanecendo nele até 1964.

Foi um dos idealizadores da Universidade de Brasília (UnB), fundada em 1961. Tornou-se reitor da UnB em 1963, porém, com o golpe militar de 1964, afastaram-no do cargo, foi para os EUA lecionar nas Universidades da Columbia e da Califórnia.



Síntese da unidade

Estudamos a escola progressista de John Dewey e sua oposição à escola tradicional, presente na educação brasileira desde o período colonial. Sob a influência da Escola Nova de Dewey, Teixeira e Azevedo perceberam a importância de as crianças serem auto-suficientes para resolução de seus problemas.



1 - Identifique alguns aspectos importantes da concepção de Dewey, relativos à educação escolar. Veja também se há alguma semelhança de sua obra com a realidade da escola atual. Produza um texto dissertativo com 30 linhas.

2 - Quanto aos teóricos brasileiros Anísio Teixeira e Fernando de Azevedo, identifique algumas características da instituição escolar segundo a filosofia da Escola Nova, elabore um texto e socialize por meio de um debate com os colegas de sala.

Comentário

Para responder a essas questões, é importante reler os textos sobre a Escola Nova, relacionados às concepções de Dewey. Quanto aos teóricos brasileiros, visite o site da Revista de Pedagogia (www.revistadepedagogia.com) que disponibiliza três números sobre Anísio Teixeira e um sobre Fernando de Azevedo. Observe os aspectos apresentados sobre a educação e o papel da escola enquanto instituição pública.

Referências

ARANHA, Maria Lucia A. *História da educação*. São Paulo: Moderna, 1996.

AZEVEDO, Fernando de. *Sociologia educacional*. São Paulo: Melhoramentos, 1951.

RAMALHO, Priscila. Os pensadores – John Dewey. In: *Revista Nova Escola*, nº159, Janeiro/Fevereiro, 2003.

Informações sobre a próxima unidade

Abordaremos o modelo reprodutivista da educação, enfocando a teoria de Louis Althusser, que, baseado no pensamento de Marx, elabora uma análise sobre o capitalismo, tendo como referência a concepção marxista sobre os aparelhos ideológicos.



Abordagem reprodutivista da educação

Meta da unidade

Apresentação da teoria reprodutivista da educação, que enfoca a escola como um espaço de reprodução do sistema capitalista.

Objetivos

Esperamos que, ao final desta unidade, você seja capaz de:

- compreender a teoria reprodutivista, que enfoca a escola como reprodutora da sociedade capitalista;
- identificar os aparelhos ideológicos da escola.

Pré-requisitos

Para aproveitar melhor esta unidade, reveja a unidade que trata da teoria de Karl Marx, cuja abordagem sobre as classes sociais e a educação diferenciada será retomada por Althusser em uma nova versão.

Introdução

A partir da concepção de Althusser sobre os aparelhos ideológicos e repressivos de Estado, vamos estudar a concepção de uma escola reprodutora da sociedade capitalista e as conseqüências que esse fato traz para alunos, professores e administradores do espaço escolar.

Louis Althusser (1918 - 1990)

Considerado um marxista **ortodoxo**, distanciou-se, porém, ao longo de sua trajetória, de seu mestre Karl Marx. Foi um dos principais estudiosos do marxismo. Utiliza o método **estruturalista** para suas análises.

No primeiro momento, as preocupações de Althusser centram-se nos fundamentos e métodos de investigação. Seus estudos em Marx são centralizados em torno de *O Capital*.

Além dessa preocupação em estudar a concepção de Marx, Althusser volta suas teorias para o desenvolvimento da questão educacional no contexto da sociedade capitalista.

Aparelhos ideológicos e repressivos: Estado

Vamos compreender a teoria da reprodução com uma exemplificação: as escolas se constituem em lugares onde os alunos adquirem conhecimentos, aprendem técnicas e normas de comportamentos. Essas normas são ensinadas conforme a classe social do aluno: se esse

Estruturalismo - é uma corrente de pensamento, no âmbito das ciências humanas, que se inspirou no modelo da lingüística e que apreende a realidade social como um conjunto formal de relações. De um modo geral, o estruturalismo procura explorar as interrelações (as "estruturas") por meio das quais o significado é produzido dentro de uma cultura. In: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Estruturalismo>

Ortodoxo – ou ortodoxia, verdadeira doutrina de Cristo. Ortodoxia é uma palavra grega que significa, à letra, glória (doxa) reta, direita, justa, verdadeira (orto). Disponível em: <http://www.ecclesia.com.br/biblioteca/igreja_ortodoxa/cristianismo_ortodoxo.htm#Qual>. Acesso em: 10 de jul de 06.

pertencer à classe dominante, a escola lhe inculcará a ideologia de sua classe; se pertencer à classe dominada, ser-lhe-á ensinada a submissão à ideologia.

Como podemos entender o desenvolvimento desse processo?

Para Althusser, há uma relação recíproca entre a *superestrutura* e a *infra-estrutura* social. Essa, por ser a base econômica da sociedade, é autônoma e determina a superestrutura.



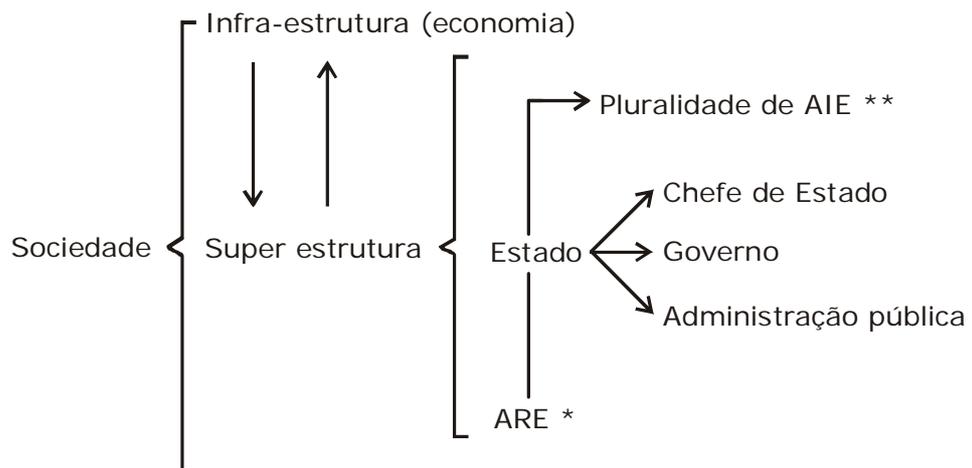
O Estado em geral, como parte da superestrutura, é composto pelo governo, a administração, o exército (=forças militares), a polícia, o sistema penal, o sistema judiciário. Esses subconjuntos de elementos legais e administrativos formam o conjunto estatal de mecanismos repressivos, ou seja, aqueles aparatos que podem e devem usar da força moral, psicológica ou física para reprimir resistências ou oposições, quando for necessário.

Os aparelhos ideológicos de Estado seriam aqueles aparelhos que “[...] sob a forma de instituições distintas e especializadas”, necessariamente complementam o sistema estatal de dominação, por meio da ideologia. Que aparelhos seriam esses? Os

jurídicos, políticos, religiosos, sindicais, culturais e escolares.

Os aparelhos ideológicos têm a função ativa da reprodução das relações de produção, que devem ser criadas em sua ‘naturalidade’. Assim, a reprodução das relações sociais deveria se dar no contexto da produção material, mas também no da (re)produção ideológica.

O esquema abaixo mostra a relação estabelecida entre superestrutura e infra-estrutura conforme descrevemos:



Notas: * Aparelho Repressiva do Estado
** Aparelho Ideológico do Estado

Síntese da unidade

Os temas abordados, nesta unidade, foram: a relação entre a superestrutura e a infra-estrutura da sociedade; a visão da escola enquanto reprodutora do sistema capitalista; os aparelhos ideológicos e repressivos do Estado.

1 - Observe as assertivas abaixo e complete, respectivamente:

I) _____ são as instituições responsáveis pela dominação e manutenção de um ideário construído pelo Estado, para garantir a forma de produção.

II) _____ são as instituições utilizadas pelo Estado para reprimir formas outras de pensamento (ideologias).

III) _____ nada mais é do que uma forma de expressão ideológica do Estado que, em suas atividades, reforça valores construídos por uma sociedade burguesa.

a) aparelhos repressivos de Estado, escola, aparelhos ideológicos de Estado

b) aparelhos ideológicos de Estado, aparelhos repressivos de Estado, escola

c) governo, aparelhos ideológicos de Estado, escola.

d) aparelhos ideológicos de Estado, aparelhos repressivos de Estado, governo

2 - Após conhecermos a teoria de Althusser sobre os aparelhos ideológicos de Estado, que aspectos são importantes para serem analisados e aplicados na escola? Construa uma colagem onde você expressará esses conhecimentos.

3 – Debata em grupos as seguintes assertivas:

a) A escola transmite as ideologias dominantes.

b) A escola serve ao capitalismo e reproduz seu sistema, seus meios e relações de produção.

Comentário

A resposta a essas questões requer que você faça uma releitura do texto desta unidade, além de buscar na internet textos alusivos à teoria de L. Althusser. Você perceberá que as problemáticas apresentadas pelo autor levam-nos a compreender como a escola atua junto às comunidades e como o papel desempenhado pelo educador é de transmissor de uma determinada concepção ideológica, no caso em questão, a da classe dominante.

Referências

GOMES, Alberto Candido. *A educação em perspectiva sociológica*. 3. ed. rev. e ampl.. São Paulo: EPU, 1994.

GUARESCHI, Pedrinho A. *Sociologia crítica: alternativas de mudança*. 58. ed. Porto Alegre: Mundo Jovem, 2005.

Informações sobre a próxima unidade

Apresentaremos a você a teoria de Pierre Bourdieu e Jean-Claude Passeron e abordaremos questões importantes como capital cultural, violência simbólica, educação e escola.



7 Unidade Didática

Abordagem reprodutivista da educação Pierre Bourdieu e Jean-Claude Passeron

Meta da unidade

Apresentação da abordagem reprodutivista da educação, enfocando as teorias de P. Bourdieu sobre o capital cultural e de Passeron sobre a análise da escola como sistema de ensino.

Objetivos

Esperamos que, ao final desta unidade, você seja capaz de:

- entender e analisar as concepções reprodutivista sobre capital cultural e violência simbólica e suas relações com a educação escolar;
- conhecer os aspectos educacionais que fazem relação com o capital cultural e a violência simbólica.

Pré-requisitos

A base para entender esta unidade é a teoria de Althusser sobre os aparelhos ideológicos de Estado e sobre a escola como reprodutora do sistema capitalista.

Introdução

As teorias de Pierre Bourdieu e de Jean-Claude Passeron são relevantes para esta unidade porque evidenciarão a escola como um sistema, em que o ensino serve de instrumento para reforçar o domínio da classe dominante.

Outro tema abordado é a violência simbólica, que também é um mecanismo que reproduz valores da cultura dominante.

Pierre Bourdieu (1930 - 2002) e Jean-Claude Passeron (1930)

Pierre Bourdieu é considerado um dos intelectuais mais influentes de sua época. A educação, a cultura, a literatura e a arte foram seus primeiros objetos de estudo. Nos últimos anos, Bourdieu dedicou-se ao estudo dos meios de comunicação e da política. A violência simbólica foi outro tema central da sua obra.

Bourdieu não era apenas um pesquisador excepcional, reconhecido pela comunidade acadêmica internacional, mas um intelectual empenhado nas lutas sociais e no debate político. Na década de 90, aprofundou esse

Principais obras de Pierre Bourdieu:

A economia das trocas simbólicas

Sobre a televisão

Contrafogos

A Reprodução: elementos para uma teoria do sistema de ensino

O Poder Simbólico.

interesse pelos movimentos sociais, identificando seu trabalho com a criação de uma “esquerda da esquerda”, ou seja, uma esquerda que recusasse os compromissos que foram sendo assumidos pela esquerda europeia mais tradicional, ao longo do século XX.

Nos últimos anos de sua vida, Bourdieu dedicou-se também ao combate do Neoliberalismo sob todas as formas. Criticou os meios de comunicação, que, segundo ele, estariam cada vez mais submetidos a uma lógica comercial inimiga da palavra, da verdade e dos significados reais da vida. Foi o crítico do lixo cultural produzido pela mídia contemporânea e também da globalização (ou mundialização) financeira.

Além desses aspectos citados, é importante falar também acerca dos conceitos por ele criados, como: espaço social, campo social, habitus, classe social. Esses conceitos são alusivos à posição social que o indivíduo ocupa na sociedade.

Pierre Bourdieu tem, em co-autoria com Jean-Claude Passeron, uma pesquisa realizada em 1970 com o título *A Reprodução: elementos para uma teoria do sistema de ensino*. Os autores partem do pressuposto de que a escola, na

sociedade capitalista, produz e reproduz a sociedade. A sociedade de classes mantém seus privilégios no sistema escolar. A suposta igualdade de ensino para todos os alunos não se sustenta. Não só o sistema de ensino particular é desigual conforme a escola e a clientela que o frequenta, mas também o ensino público é diferenciado e desigual, segundo a localidade, o corpo docente, a clientela. O Ensino Superior transmite privilégios, aloca *status* e incute respeito. A maioria das vagas é destinada aos alunos das escolas particulares. Na obra em questão, os autores elaboraram a noção de violência simbólica, desenvolvida pelas instituições e por seus agentes.

O sistema de ensino gera a violência simbólica, que faz com que os indivíduos vejam como naturais as representações ou as idéias sociais dominantes, que disseminam valores culturais dominantes em toda a sociedade. Manifesta-se, por intermédio da mídia, da pregação religiosa, da propaganda, da moda e da educação.

Teoria da Violência Simbólica

Os estudos de Bourdieu, além da idéia de habitus e de campos, têm no conceito de violência simbólica uma importante referência para se compreender também a sociedade capitalista e suas formas de reprodução. A partir da compreensão marxista de que a sociedade é dividida em classes em um ambiente de constantes lutas e conflitos, Bourdieu concebe a sociedade capitalista marcada por profundas desigualdades. Por outro lado, Bourdieu não deixa de beber da fonte weberiana, compreendendo que a realidade social é também um conjunto de relações de sentido, com uma dimensão simbólica (CORCUFF, 2001, p.53).

Para a compreensão do significado de violência simbólica, Bourdieu distingue dois tipos de violência: a física e a simbólica. A primeira é



exercida pela força física (bater em uma criança, ataques de policiais com cacetetes). A segunda, a simbólica, significa repassar para as pessoas e grupos sociais valores que devem ser assimilados, caso contrário, serão punidos. A violência simbólica é repassada ideologicamente quando são inculcadas nas pessoas normas ou valores que devem ser seguidos por serem “os melhores”, quando na verdade não o são.

A dimensão simbólica tem a ver com as maneiras de pensar formas de dominação social. É importante perceber que Bourdieu tem a compreensão de que a sociedade é dividida em classes, isto é, em dominantes e dominados.

Considerando essa situação, Bourdieu trabalha com a noção de violência simbólica, que implica formas de dominação legitimadas pela maioria da sociedade. Conforme Corcuff (2001), o princípio da violência simbólica se dá pelo reconhecimento e desconhecimento, ao mesmo tempo, de algo que só mantém a maioria subordinada a uma determinada forma de dominação.

São comuns, em uma sociedade capitalista altamente desigual e excludente, situações de trabalho escravo, como acontece ainda em determinadas regiões do Brasil e, por incrível que possa parecer, quando alguns trabalhadores são procurados para falar sobre o caso, geralmente, não enxergam a exploração à qual estão submetidos.

O cotidiano das escolas

Ao estudar os currículos escolares na sociedade capitalista, juntamente com Passeron, Bourdieu demonstra como a violência simbólica se faz presente no universo escolar. A partir da premissa de que a escola produz e reproduz as desigualdades sociais, todo o sistema curricular no capitalismo é formado para atender a ideologia dominante. Poucos são os que não acompanham as necessidades do capitalismo, pois o capital cultural, econômico e político fala mais alto.

Se a maioria dos alunos não se inclui nas novas necessidades do mercado, logo é excluída do processo. Os poucos que detêm o saber ficam nos melhores cargos, sem contar com os apadrinhamentos e o sistema de corrupção.

A educação é uma ação pedagógica violenta e arbitrária por parte da cultura dominante sobre grupos dominados.

Outro conceito evidenciado por Bourdieu e Passeron é o de capital cultural, que consiste na competência cultural e lingüística socialmente herdada que facilita o desempenho na escola. O ambiente tem de estar propício para desenvolver o capital cultural. O termo capital é usado originalmente com o significado de bens econômicos produzidos, distribuídos desigualmente e consumidos pelos indivíduos. O capital cultural diz respeito aos bens culturais distribuídos desigualmente entre os grupos e classes sociais. Nesse caso, Bourdieu e Passeron enfatizam a ocorrência dessa desigualdade de tal modo que as possibilidades de sucesso na escola são também desiguais.

O desempenho escolar está ligado às origens culturais, seus efeitos variam conforme o nível de escolaridade. O resultado final, no entanto, é que a escolaridade se torna a base para uma mobilidade social limitada, isso

porque o indivíduo iletrado não ascende à outra classe social, por parte das barreiras culturais.

A escola limita-se a transmitir uma cultura semelhante à da classe dominante. Essa afirmação corrobora a visão de Louis Althusser, quando assinala que a escola é um instrumento de reprodução e, por isso mesmo, mantém o sistema vigente.

A partir dessas concepções, cabe aos educadores organizar discussões

em suas escolas e debater o papel da escola, se ela deve seguir como instrumento de reprodução do sistema capitalista, embora o sistema seja o sustentáculo maior, ou deve reagir diante das investidas desse sistema.

As realidades sociais que demonstram situações como desemprego, discriminação, humilhação, pobreza são vistas como se não fossem fruto de todo um processo histórico, político e ideológico desencadeado a partir da luta desigual e injusta de diferentes interesses. Se você analisar a história das diferentes sociedades, especialmente aquelas fruto de um processo de colonização, com pilhagem, escravismo, desrespeito às culturas nativas, entre outras, perceberá como a violência simbólica se faz presente, além da violência física.

As sociedades simples, consideradas atrasadas pelos colonizadores, como aquelas afastadas das sociedades industrializadas, como as aborígenes, foram saqueadas, muitas foram extintas em nome da civilização e até da religião. São exemplos disso: os astecas, os maias, no México e no Peru, respectivamente, além de várias nações indígenas brasileiras.

Síntese da unidade

Estudamos as concepções de Bourdieu e Passeron, que estão resumidas nos seguintes pontos:

- **os conceitos de capital cultural e violência simbólica e suas relações com a educação;**
- **o desempenho escolar ligado às origens culturais; a escolaridade, base para uma mobilidade social limitada;**
- **violência simbólica – instituições – autoridade.**

1 – Construa um texto dissertativo em que você aponte qual a relação entre o capital cultural e a educação, segundo a concepção de Bourdieu e Passeron. Lembre-se de ser sintético em sua produção, não ultrapasse 20 linhas!

2 - A escola como sistema de ensino, segundo Passeron, gera a violência simbólica. Tente observar em uma escola e/ou resgatar em sua memória momentos escolares em que isso acontece. Explique como ocorre essa violência e como poderia ser a atuação do docente. Realize essa atividade em grupo (se possível), mapeando todas as situações apresentadas.

Comentário

Para responder a essas questões, é necessária que você faça uma pesquisa no site <http://www.espacoacademico.com.br/010/10bourdieu02.htm> sobre o legado crítico de Pierre Bourdieu, sua biografia e obras, e no site <http://www.espacoacademico.com.br/024/24cneves.htm>, sobre os principais conceitos trabalhados por Bourdieu.

Referências

AZEVEDO, Mário Luiz de. *Espaço social, campo social, habitus e conceito de classe social em Pierre Bourdieu*. Disponível em:

<<http://www.espacoacademico.com.br/024/24cneves.htm>>. Acesso em: 14 de jul de 06.

CORCUFF, Philip. *As novas Sociologias: construções da realidade social*. Bauru, SP: Edusc, 2001

GOMES, Alberto Cândido. *A Educação em perspectiva sociológica*. 3.ed. rev. e ampliada. São Paulo: EPU, 1994.

GUARESCHI, Pedrinho A. *Sociologia crítica: alternativas de mudança*. 58.ed. Porto Alegre: Mundo Jovem, 2005.

WEISSHEIMER, Marco. *O legado crítico de Pierre Bourdieu*. Disponível em: <http://www.espacoacademico.com.br/010/10bourdieu02.htm>. Acesso em: 14 de jul de 06.

Informações sobre a próxima unidade

Você irá estudar os conceitos de mundialização do capital, de Neoliberalismo e de reestruturação produtiva, seus efeitos na sociedade e na educação. A educação responde pela necessidade de mercado dentro da sociedade. Por isso, ela molda o perfil de indivíduo que a sociedade deseja.



A mundialização do capital, a reestruturação produtiva e a educação

Meta da unidade

Apresentação da mundialização do capital, da reestruturação produtiva e de suas conseqüências para a educação.

Objetivos

Esperamos que, ao final desta unidade, você seja capaz de:

- identificar e analisar os aspectos principais da sociedade pós-moderna, enfocando os fenômenos da mundialização do capital, da reestruturação produtiva e suas conseqüências para a área educacional;
- refletir sobre os aspectos econômicos e políticos que influem na escola.

Pré-requisitos

Para você entender esta unidade, é importante que faça leituras de jornais e revistas que tratem de economia e política, ou que assista a matérias apresentadas pelas emissoras de televisão sobre o mesmo tema.

Introdução

As mudanças ocorridas na economia e na política, a partir da segunda metade do século XX, o avanço na área tecnológica, a fusão das grandes corporações e outras transformações contribuíram para uma nova visão da sociedade mundial. Essas mudanças ocorreram em vários setores da sociedade, porém, na economia, foram mais visíveis, principalmente, no tocante às conseqüências que a mundialização do capital ocasionou na sociedade: refluxo dos movimentos sociais nas décadas de 70 e 80.

Para compreendermos esse processo, vamos analisar a mundialização do capital na época atual e suas influências na educação.

Mundialização do Capital

Esse tema tem base teórica em renomados expoentes da literatura mundial como Chesnais, autor dos livros “Mundialização do Capital” (1994) e “Mundialização Financeira” (1999).

Segundo Alves, uma nova etapa de desenvolvimento do capitalismo mundial surge a partir da década de 1980: a da “mundialização do capital”. Esse autor afirma que, “ao dizermos mundialização do capital, dizemos um

processo de desenvolvimento do capitalismo mundial sob a direção hegemônica do capital financeiro que se consolidou nos últimos vinte anos” (ALVES, 2001).

Na verdade, estamos diante de um novo regime de acumulação capitalista, um novo patamar do processo de internacionalização do capital, com características próprias e particulares, se comparado a etapas anteriores do desenvolvimento capitalista.

A característica predominante do novo regime mundial de acumulação capitalista é *ser rentista e parasitário*. Assistimos a uma crescente centralização do capital-dinheiro, em particular nos fundos mútuos de investimento e nos fundos de pensão. O poder, se não a própria existência, desse capital-dinheiro é sustentado pelas instituições financeiras internacionais, tais como o Fundo Monetário Internacional (FMI) e o Banco Mundial e pelos Estados mais poderosos do planeta.

Como estamos falando da mundialização do capital, é pertinente que façamos uma pergunta: qual a origem desse fenômeno? O marco histórico é a recessão de 1974-1975 que inicia uma “longa crise rastejante”. A partir daí, o capital procura, de todas as formas, romper as amarras das relações sociais, das leis e das regulamentações nas quais estava preso com a ilusão de poder ser “civilizado”.

A “revolução conservadora”, as políticas neoliberais, a liberalização, a desregulamentação, a privatização e o triunfo do “mercado” são responsáveis pela vitória definitiva do capital mundial. Vitórias políticas, na década de 70, como a de **Margaret Thatcher**, no Reino Unido, e de **Ronald Reagan**, nos EUA, deram uma dimensão histórica concreta à derrocada da ilusão socialdemocrata e à robustez do capital industrial e financeiro, adquirida na “idade do ouro” do capitalismo mundial.

Mudanças qualitativas ocorrem a partir de então, tanto nas relações de força política entre o capital e o trabalho, como entre o capital e o Estado de Bem-Estar. Essas mudanças vão proporcionar uma nova orientação ao processo de internacionalização capitalista, com o capital voltando a ter liberdade para se desenvolver e, principalmente, para se movimentar em âmbito internacional de um país ou continente para outro.

Em decorrência desses fatos, temos dois aspectos a destacar: a *ideologia da ‘globalização’* é posta como a nova orientação capitalista, considerada como saída para a crise de 1974-1975; simultaneamente, desenvolve-se a *ideologia do ‘progresso técnico’* que cultua as novas tecnologias que serão utilizadas pelas corporações transnacionais por meio do novo complexo de reestruturação produtiva, para modificar suas relações com os trabalhadores e as organizações sindicais.

Reestruturação Produtiva

Qual a origem desse termo? Surgiu no Japão, na década de 1950, ganhou força na economia mundial, a partir de 1970. Foi nesse país que, em meio a adversidades geográficas, econômicas e históricas, surgiu um novo paradigma: o toyotismo.



Fordismo – designa a organização da produção em massa. Seu criador foi Henry Ford (1863-1947), industrial norte-americano.

Para entender a reestruturação produtiva, é necessário entender o toyotismo. O termo vem de Toyota, montadora japonesa, que, entre os anos 50 a 70, desenvolve, adapta e modifica o **fordismo**, criando, assim, seu próprio modelo de reestruturação produtiva. A principal característica do toyotismo é obter maior flexibilidade de produção, diferente do modelo fordista, que visa à produção em massa e padronizada.

Esse novo paradigma, nos anos de sua ascensão, provocou uma redução significativa de participação dos trabalhadores nos sindicatos, entre outras razões, pelo receio de demissão.

Assim, o complexo de reestruturação produtiva e as políticas neoliberais, que se desenvolvem a partir dos anos 80, possuíam como objetivo claro destruir as organizações sindicais, ou melhor, todas as instituições e relações sociais que colocavam obstáculos à lógica da valorização do capital.

A mundialização do capital, portanto, está intimamente associada à destruição dessas formas de regulação nacional e internacional. Assim, condena milhões de assalariados e jovens ao desemprego estrutural, à marginalização e à exclusão, confiando moeda e finanças à anarquia dos ‘mercados’ (LIMA; HETKOWSKI, s/d).

Diante dessas características acerca da mundialização do capital, da reestruturação produtiva e do modelo toyotista, entre outros modelos criados ao longo do século XX e as transformações ocorridas na sociedade, **como podemos conceber a educação nesse contexto?**

Segundo Alves (2001), foi a promessa de integração sistêmica, desenvolvida sob o capitalismo do pós-guerra, que engendrou a idéia de modernização e de construção da escola pública como instância educativa das massas. A escola de massa tornou-se uma instituição central na criação de condições que deveriam permitir a integração plena dos indivíduos à cidadania. Sedimentou-se a função simbólica da escola e da promessa da modernização, um senso comum que articulava trabalho, educação, emprego e individualidade. A escola e as políticas educacionais podiam e deviam ser um mecanismo de integração dos indivíduos à vida produtiva.

É nessa época que se construiu a *teoria do capital humano* para legitimar a promessa integradora do sistema orgânico do capital. Sua concepção individualista admitia que, de posse de um conjunto de saberes, competências e credenciais, o indivíduo estaria habilitado para a competição pelos empregos disponíveis (a educação era vista como um investimento em capital humano individual) (BATISTA, 2002).

Assim, percebemos que a educação escolar, em tempos de mundialização do capital, alia trabalho e educação. Essa concepção pedagógica configura-se como tipicamente *tecnicista*. Nessa tendência, segundo Aranha (2006), uma escola estruturada a partir do modelo empresarial tem como objetivo adequar a educação às exigências da sociedade industrial e tecnológica. A ênfase é a preparação de recursos humanos com mão-de-obra qualificada para a indústria.

Frigotto (1995), em seu livro *A Produtividade da escola improdutiva*, analisa com pertinência as contradições geradas na prática pela

Capital Humano – engloba as habilidades e conhecimentos dos indivíduos que, em conjunto com outras características pessoais e com o esforço despendido, aumentam as possibilidades de produção e de bem-estar pessoal, social e econômico. (MARTELETO e BRAZ)

ideologia do capital humano introjetada e operacionalizada no sistema educacional brasileiro. Esse sistema acreditou que, preparando recursos humanos treinados tecnicamente, poderia ser produtivo para a sociedade, na medida em que os egressos seriam capacitados para o mercado de trabalho e, ao mesmo tempo, teriam melhores oportunidades de ascensão social.

Essa ideologia foi traduzida em termos operacionais pelas reformas do Ensino Superior, por meio da Lei 5.540/1968, e do ensino de 1º e 2º graus, mediante a Lei 5.692/72.

Vale lembrar que essa época corresponde ao período da ditadura militar que, para implantar as reformas políticas, econômicas e educacionais, recebe as diretrizes dos EUA e, no caso da educação, estabelece acordos entre MEC e USAID. Professores e técnicos foram enviados aos Estados Unidos para serem capacitados, segundo o enfoque tecnicista, e se tornarem multiplicadores em todas as instâncias.

Na próxima unidade, você vai estudar a influência neoliberal na educação (um tecnicismo com nova roupagem) e constatar a vinculação da política neoliberal à mundialização do capital.

Síntese da unidade

Nesta unidade, estudamos o contexto histórico da mundialização do capital, ocorrido na segunda metade do século XX, principalmente com os avanços tecnológicos que em muito contribuíram para o aprimoramento da mão-de-obra e que provocaram mudanças no perfil do profissional que o mercado desejava. A educação buscava se reestruturar para poder fornecer um novo perfil profissional ao mercado. Buscamos compreender a origem e o contexto histórico da reestruturação produtiva e suas influências nos sistemas educacionais.

1 - Analise os aspectos da mundialização do capital e procure redigir um texto dissertativo com 20 linhas, apontando as conseqüências dessa nova etapa do capitalismo mundial para a educação.

2 - Identifique as principais características da reestruturação produtiva e do toyotismo e suas conseqüências para o sindicalismo dos trabalhadores japoneses.

3 - Quais os resultados da mundialização do capital e da reestruturação produtiva para a educação? Indique três situações educativas em que tais resultados apareçam com evidência.

Comentário

Para responder a essas questões, é importante, antes, fazer uma leitura atenta desta unidade, além de aprofundar uma pesquisa em sites que tratem de Política Educacional, Globalização e Educação a Distância. Lembre-se de fazer uma crítica, com base no pensamento de Emile Durkheim, Max Weber e Karl Marx!



Referências

ALVES, Giovanni. *Dimensões da globalização: o capital e suas contradições*. Londrina: Práxis, 2001.

_____. *Trabalho e mundialização do capital: a nova Degradação do trabalho na era da Globalização*. Londrina: Práxis, 1999.

ARANHA, Maria Lucia A. *História da Educação e da Pedagogia*. São Paulo: Moderna, 2006

BATISTA, Roberto Leme. *Educação e trabalho na década neoliberal: uma análise crítica do PLANFOR*, Dissertação de Mestrado, FFC/UNESP - Campus de Marília, São Paulo, 2002.

FRIGOTTO, Gaudêncio. *A produtividade da escola improdutiva*. São Paulo: Cortez, 1995.

GENTILI, Pablo. *O conceito de empregabilidade*. Avaliação do PLANFOR, s/d.

LIMA, Maria de Fátima Monte; HETKOWSKI, Tânia Maria. *Política educacional, globalização e educação a distância*. EFS, Sergipe, s/d. Disponível em: <<http://www.unoescjba.rctsc.br/~hetk/publicacoes/arquivos/txt01.PDF>>. Acesso em: 10 de jul de 06.

MARTELETO, Regina Maria; SILVA, Antonio Braz de Oliveira e. *Redes e capital social: o enfoque da informação para o desenvolvimento local*. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0100-196520-04000300006&script=sci_arttext>. Acesso em: 10 de jul de 06.

Informações sobre a próxima unidade

Você já ouviu falar em Neoliberalismo? Esse será nosso próximo tema. Estudaremos a relação entre Neoliberalismo e educação. A diminuição do organograma das empresas, com os funcionários realizando múltiplas tarefas, tem reflexos relevantes na educação, que passa a conceber um aluno integrador de múltiplos conhecimentos e não mais fragmentado.



9

Unidade Didática

Neoliberalismo

Meta da unidade

Reflexão sobre os principais aspectos do Neoliberalismo e sobre suas influências na formação de um aluno com uma visão global, não mais fragmentada.

Objetivos

Esperamos que, ao final desta unidade, você seja capaz de:

- identificar os aspectos principais do Neoliberalismo e suas conseqüências para a área educacional;
- refletir sobre os efeitos do projeto neoliberal na educação.

Pré-requisitos

Para você ter um entendimento melhor desta unidade, faça uma releitura da unidade anterior, para perceber a vinculação entre mundialização do capital (globalização) e Neoliberalismo, no que tange ao mercado e ao surgimento de novas profissões. Isso afeta diretamente a educação, pois ela precisa se adequar a essa nova realidade de mercado e fornecer mão-de-obra qualificada para uma sociedade agora globalizada.

Introdução

O tema que estudamos anteriormente – mundialização do capital – é um preâmbulo para Neoliberalismo e a educação.

Veremos sua origem, algumas características e conseqüências para a sociedade e para a área educacional.

Neoliberalismo

O Neoliberalismo tem como objetivo principal a conquista do mercado. A burguesia, no controle das grandes empresas, utiliza o avanço científico e tecnológico para modernizar as formas de produção, gerando, como efeito secundário, desemprego.

Por outro lado, os trabalhadores organizados, no período de 1946 a 1970, souberam exigir do Estado um conjunto de leis para inibir a exploração do trabalho, alcançando toda uma série de direitos sociais. Em decorrência disso e para suprir as reivindicações da classe trabalhadora, prosperou o Estado do Bem-Estar Social.

Nas duas últimas décadas do século XX, as novas crises econômicas fizeram com que os teóricos da globalização conservadora ressuscitassem as

velhas idéias do século XIX, que pregavam não ser papel do Estado redistribuir a riqueza para garantir a seguridade social.

O Neoliberalismo busca se fortalecer como uma doutrina econômica e política que defende o mercado acima do Estado, com as funções sociais do Estado reduzidas, com políticas de privatização das empresas estatais e das instituições sociais, como previdência social, escolarização e saúde (MEKSENAS, 2003).

A economia se torna uma ciência que legitima o comportamento humano; a crise do Estado benfeitor e a queda do socialismo são sinais evidentes de que qualquer intervenção estatal no mercado, ainda que motivada pela vontade política, é inútil. Isso tudo acarreta conseqüências: redução da intervenção do Estado, privatização das empresas estatais, abertura para o mercado internacional. O Neoliberalismo justifica seus efeitos negativos (maior empobrecimento, desigualdade social e exclusão social) como efeitos “não desejados”, porém inevitáveis na conquista do crescimento econômico da sociedade.

Conseqüências das Políticas Neoliberais

O relatório da Unicef aponta para as seguintes conseqüências do Neoliberalismo:

- aumento da pobreza e desnutrição: sete milhões de crianças morrem no mundo por ano;
- expansão do desemprego, que já atingiu 20% das populações trabalhadoras no Brasil e na Argentina; no México, essa realidade já atingiu 51% nos últimos 15 anos;
- subnutrição: na sociedade norte-americana, 26 milhões dependem de doações privadas e quatro milhões de adultos passam fome: 11 milhões de crianças estavam em condição de subnutrição no ano de 1998.

Fonte: Unicef 1998 - (MEKSENAS, 2003)



A realidade neoliberal ganha aliados nos governos e nas empresas capitalistas de todo o planeta. Em decorrência das políticas neoliberais, grupos econômicos fazem fusões, tornando-se ainda mais poderosos. Casos exemplares são alguns bancos norte-americanos (Chase Manhattan e Chemical fundiram-se ocasionando a demissão de 12 mil funcionários) e algumas empresas brasileiras (é o caso da associação das duas maiores cervejarias do país que resultou na AMBEV).

Além disso, a tecnologia, por meio de robotização, automação e informatização das forças produtivas, alia o desemprego ao desaparecimento de profissões tradicionais e ao surgimento de outras novas no mercado de trabalho.

A influência neoliberal na educação

Conforme Marrach (1996), o fenômeno neoliberal concebe a educação da seguinte maneira: qualidade total, modernização da escola,

adequação do ensino à competitividade do mercado internacional, nova vocacionalização, incorporação das técnicas e linguagens da informática e da comunicação, abertura da universidade aos financiamentos empresariais, pesquisas práticas, utilitárias, produtividade. Essas são as palavras de ordem do discurso neoliberal para a educação.

O Neoliberalismo atribui um papel estratégico à educação, determinando basicamente três objetivos:

- atrelar a educação escolar à preparação para o trabalho e a pesquisa acadêmica ao imperativo do mercado ou às necessidades da livre iniciativa. Assegurar que o mundo empresarial tenha interesse na educação que lhe garanta uma força de trabalho qualificada, apta para a competição no mercado nacional e internacional;
- tornar a escola um meio de transmissão ideológica com a construção de uma visão de mundo e de uma realidade simbólica. Na sociedade em que vivemos hoje, a função de construir essa realidade é, em grande parte, preenchida pelos meios de comunicação de massa, e a escola desempenha o papel de reprodutora da ideologia dominante;
- fazer da escola um mercado para os produtos da indústria cultural e da informática.

Dessa forma, o Neoliberalismo objetiva não só a privatização, mas a adequação da escola aos mecanismos de mercado, de modo que a escola funcione à semelhança do mercado.

Para os neoliberais, a educação deve obedecer somente às regras de mercado. Sua defesa é o fim das escolas públicas, gratuitas e mantidas pelo Estado, entendendo que cada indivíduo é responsável pelas suas conquistas.

Por isso, o objetivo neoliberal é a existência de uma sociedade com ensino privado e pago em todos os níveis: desde a pré-escola até a universidade.

E qual seria a tarefa do Estado para os neoliberais? Ao Estado caberia subsidiar a educação dos mais pobres, por meio de bolsas em escolas particulares ou empréstimos aos estudantes. Para tais fins, existem instituições internacionais que defendem essa política neoliberal, como o Banco Mundial (BIRD) impondo suas regras.

Como a escola é concebida no cenário da educação liberal?

A escola torna-se uma espécie de microempresa, ou seja, deve funcionar estimulando a competitividade entre alunos e professores; não deve depender de recursos do Estado; além disso, deve contar com o funcionamento privado, com a ajuda da comunidade ou de voluntários.

Veja como é a escola para o Neoliberalismo: os alunos devem ser bons consumidores e negociantes, bem como ter um estímulo à iniciativa individual. Já os professores assumem a tarefa de gerentes de área, e os diretores, meros administradores de empresas.

Daí percebe-se que essas tarefas obedecem tão somente às regras de mercado determinadas pelo projeto neoliberal.

Síntese da unidade

Estudamos como surge a globalização e quais novos modelos de educação demanda para suprir as novas necessidades do mercado.



1 – Atente para o texto a seguir e assinale a alternativa CORRETA.
“Para os neoliberais, a educação como qualquer atividade da vida social deve obedecer somente às regras de mercado. Isto é, defendem o fim das escolas públicas, gratuitas e mantidas pelo Estado, pois entendem que cada indivíduo deve ser responsável pelas suas conquistas” (MEKSENAS, 2003).

Assim, teríamos uma sociedade

- a) com ensino privado e pago em todos os níveis: da pré-escola à universidade.
- b) que tenha apenas subsídios educacionais equivalentes.
- c) com ações beneficentes capazes de gerar empréstimos.
- d) em que as grandes corporações bancárias proporcionariam uma educação gratuita para todos.

2 - Reflita e apresente um texto em forma de fichamento, em que você aponte quais os efeitos do Neoliberalismo na educação. Não se esqueça de consultar a disciplina Fundamentos do Trabalho Acadêmico, que dará a você elementos para essa construção.

3 - Quanto à escola, de acordo com a concepção do projeto neoliberal, ela deve torna-se uma microempresa. Como você compreende essa concepção? Organize um debate sobre o tema com seus colegas. Não esqueça de sistematizar suas percepções e colocá-las por escrito.

Comentário

Para responder a essas questões, é necessário que você faça a leitura desta unidade, assim como do material postado sobre o tema. Faça ainda uma pesquisa na internet, em jornais e/ou revistas de economia e política que tratam do Neoliberalismo.

Referências

- MARRACH, Sonia A. A. Neoliberalismo e educação. In: GHIRALDELLI JR, Paulo (org.). *Infância, educação e neoliberalismo*. São Paulo: Cortez, 1996.
- MEKSENAS, Paulo. *Sociologia da educação: introdução ao estudo da escola no processo de transformação social*. 11.ed. São Paulo: Loyola, 2003.

Informações sobre a próxima unidade

Você estudará na próxima unidade, a pós-modernidade e seu reflexo na sociedade, principalmente no que tange à questão do multiculturalismo e seus reflexos na educação.

10

Unidade Didática



Pós-modernidade, multiculturalismo e educação

Meta da unidade

Reflexão sobre os impactos da pós-modernidade na área educacional e abordagem multicultural.

Objetivos

Esperamos que, ao final desta unidade, você seja capaz de:

- identificar as características da sociedade pós-moderna;
- refletir sobre as propostas de mudanças de concepção e ação advindas do multiculturalismo.

Pré-requisitos

O entendimento desta unidade tornar-se-á mais acessível ao se fazer uma análise sobre a mundialização do capital e sobre o Neoliberalismo.

Introdução

Alguns acontecimentos da nossa época são indicadores de pós-modernidade, entre eles: o fundamentalismo étnico e religioso; a queda do Muro de Berlim; o fracasso do socialismo real; o Neonazismo; a AIDS; a biogenética; as intolerâncias sociais e raciais; a fragmentação dos valores culturais e dos costumes.

Nesta unidade, você poderá refletir sobre os desafios pelos quais a educação deve passar diante das mudanças que ocorrem na sociedade pós-moderna.

Pós-modernidade e educação

Vamos iniciar esta unidade nos questionando: o que significa pós-moderno?

Esse termo designa genericamente toda uma corrente de pensamento que tem em comum uma crítica à visão de mundo da modernidade. Essa crítica, por sua vez, demonstra que alguma coisa foi ultrapassada, que estamos vivendo um outro momento, embora não saibamos ainda muito bem o que isso significa.

O que é pós-moderno?

Aranha (2006, p.229) assinala que, para entendermos a pós-modernidade, é relevante conhecermos a modernidade. Vamos focar a modernidade a partir das suas características:

- a idade Moderna (que tem início no século XVII) é a esperança na racionalidade humana “purificada” de crendices, superstições e mitos;
- o movimento intelectual da Ilustração teve seus ideais centrados na valorização da razão, da ciência e da tecnologia;
- na política, as teorias globalizantes, como o liberalismo e, posteriormente, o Socialismo, tentaram mapear as relações humanas a partir de critérios baseados na clareza e certeza que possibilitassem a atuação efetiva – e revolucionária – para a implantação de seus valores.

Essas constatações, entre outras, demonstram que as correntes pedagógicas refletem, cada uma da sua maneira, as lutas ideológicas: o livre pensamento, a liberdade, a tolerância, a autonomia, a democracia e a sociedade justa e igualitária.

Vamos agora identificar alguns aspectos marcantes da pós-modernidade na sociedade capitalista, analisando o desenvolvimento da educação escolar nesta fase, destacando em especial, a globalização, o multiculturalismo e a educação.

Características da pós-modernidade

Entre as inúmeras características dessa fase, vamos destacar:

- 1) a acelerada concentração de capitais, originando grandes conglomerados econômicos;
- 2) a Terceira Revolução Industrial, no período da nova ordem internacional no pós-guerra fria, em que o predomínio mundial coube aos países sede das grandes empresas multinacionais, o chamado G8, constituído pelos oito países mais ricos;
- 3) o avanço global capitalista e a ampliação da exclusão social;
- 4) a marginalização dos países periféricos e dos chamados emergentes.

A nova forma assumida pelo capitalismo com a Revolução Tecnológica, que podemos denominar de 4ª fase do capitalismo, delimita um novo quadro de condicionamento geral. Surgem novas formas de relações sociais, novas instituições sociais. Vive-se uma nova revolução, uma nova aldeia global, conforme Marshall McLuhan (filósofo canadense) assinalou nos anos 60.

A nova revolução pode ser sintetizada por uma expressão: a procura por maior produtividade com o uso de tecnologias de última geração. Esse é o parâmetro que permite aos capitalistas avaliar o que é “bom e o que é mau”. Mostraremos a seguir um texto que trata da “aldeia global”, termo criado por McLuhan, pertinente para a realidade que vivemos hoje, embora

tenha sido cunhado na década de 60. Fukuyama (apud Oliveira, 2001, p.45-46) comenta a análise feita por M. McLuhan sobre a revolução tecnológica.

Texto complementar

A revolução tecnológica: da aldeia à aldeia global

O único avanço isolado que teve efeito tão grande, quanto à informatização na história da comunicação, aconteceu por volta de 1450, quando Johan Gutenberg, um ourives da cidade de Mainz, na Alemanha, inventou o tipo móvel e apresentou a primeira prensa na Europa (a China e a Coréia já possuíam prensas). O invento mudou a cultura ocidental para sempre. [...] A prensa de Gutenberg era, em comparação, uma impressora a laser de alta velocidade. [...]

O caminho da informatização transformou nossa cultura tão radicalmente quanto a prensa de Gutenberg transformou a Idade Média. As distâncias desapareceram e a informação começou a circular na velocidade da luz.

A verdade é que, em uma velocidade sem precedentes, a tecnologia muda o cotidiano e traz melhorias com as quais nem sequer se ousava sonhar. As mudanças tecnológicas atingiram um ritmo mais rápido do que em qualquer outra época da História. A espécie humana levou milhões de anos antes de descer da árvore e descobrir os metais. Cinco milênios depois, criou as primeiras máquinas. Entre a Revolução Industrial e os primeiros computadores, o intervalo é de apenas dois séculos. Conectados à rede de computadores, os funcionários de grandes empresas já se comunicam entre si por mensagens, fax, telefonemas e videoconferências.

A revolução tecnológica entra no cotidiano de maneira tão difusa que as pessoas nem sequer se dão conta da enormidade das mudanças. A Internet inaugurou a “aldeia global” na maior aventura tecnológica da história da humanidade. A internet reúne milhões de usuários em mais de 200 países. Por meio dela, as pessoas trocam mensagens, fazem ciência, lêem jornais, discutem e namoram. [...]

Quando Marshall McLuhan, em um lance de bem sucedida futurologia, criou o conceito de “aldeia global” ao observar um mundo, cada vez mais rapidamente intercomunicante, cada vez mais submetido aos centros controladores da mídia impressa e eletroeletrônica, não suporia, talvez, que, em apenas quatro décadas, a humanidade passasse por transformações tão profundas e radicais.

Quando vamos analisar as relações sociais, desde seus primórdios, passando por várias etapas da história humana, principalmente, pela Revolução Industrial, observamos que a velocidade é realmente sem precedentes.

A sociedade contemporânea e a educação escolar: a globalização

Vamos imaginar um pouco como era a vida, digamos, antes da década de 50, sem esse avanço científico e tecnológico que vivenciamos atualmente. Pensou? Então vamos tecer alguns comentários sobre a globalização!

Inicialmente, a inserção da globalização na vida das pessoas mudou radicalmente a realidade, interligou os países, os homens, as empresas, tudo na sociedade ficou conhecido em frações de segundo. Em seguida, a internet reforçou a globalização, unindo cada vez mais as pessoas.

Esse fenômeno contagiou a sociedade, deu oportunidade às pessoas de se conectarem via Internet, podendo falar em tempo real com o mundo. Por outro lado, grande parte da população mundial não tem acesso a esse meio de comunicação. A isso podemos denominar de *exclusão digital* (discutida na unidade 15). Como a escola enfrenta a exclusão digital? A informática atinge todas as escolas? Para entendermos esses termos, vamos aos seus aspectos conceituais.

O conceito de globalização é discutido por uma gama de teóricos de todas as áreas. Para Strazzacappa (2003), a globalização é a tendência crescente de unificação de todos os povos e países da Terra, que se tornam cada vez mais interdependentes, tanto em termos econômicos como sócio-culturais.

A cada dia que passa, a sociedade contemporânea se torna cada vez mais complexa, exigindo um maior número de conhecimento e habilidades que são adquiridos de forma sistemática. A educação torna-se uma necessidade para que o indivíduo reproduza sua existência. A Era Global é considerada a era do conhecimento, e a educação é tida como o maior recurso de que se dispõe para enfrentar essa transformação que o mundo atravessa.

A globalização se caracteriza a partir de alguns aspectos

- *O mundo do consumo* com suas principais marcas (McDonald's, Texaco, Ford) mostra como a globalização vem crescendo em todo o planeta desde as duas últimas décadas do século XX. A rede McDonald's, de origem norte-americana, conseguiu estabelecer um tipo de comida que agrada a milhões de pessoas em todo o mundo, adaptando seus pratos às características culturais de cada país ou região.
- *Empresas multinacionais* são empresas que possuem estabelecimentos em vários países do mundo. Nem todas as multinacionais têm sede nos países desenvolvidos. Os países em desenvolvimento também têm as suas. Como exemplos, temos a Samsung, da Coreia do Sul. No Brasil, temos a Petrobrás e a Rede Globo.

Em uma concepção mais específica, segundo Meksenas (2003), a globalização não se restringe apenas à reorganização mundial da economia, ela tem implicações no campo da política e da cultura.

Meksenas cita o sociólogo Boaventura de Sousa Santos, que assinala como a globalização só pode ser compreendida a partir de algumas situações: *o localismo globalizado*, que é a imposição para que fenômenos locais se tornem globais, como é o caso da língua inglesa; *o globalismo localizado*, que é o impacto social que uma determinada região sofre em consequência do localismo globalizado, por exemplo, a música brasileira; *o cosmopolitismo*, representado por ações das classes trabalhadoras e de setores organizados que procuram se utilizar dos mecanismos de contatos e informação criados pelo sistema mundial, por exemplo, a internet; *o patrimônio comum da humanidade*, que consiste em um conjunto de temas que apenas ganham sentido quando tratados como temas globais, é o caso das Organizações Não-Governamentais (ONGs).

Segundo Meksenas (2003), a globalização é uma palavra polêmica, pois tanto pode indicar os movimentos de defesa dos interesses populares, como designar as forças do capital contra a vida. Trata-se, portanto, de lutarmos e fazermos uso das novas tecnologias a serviço da vida e não o contrário.

Multiculturalismo e Educação

Turistas estrangeiros que conhecem as várias regiões do Brasil são unânimes em afirmar que desconhecem um país no mundo com maior diversidade cultural que o Brasil. De norte a sul do país, há uma riqueza diversificada nas várias manifestações da cultura. Quanta beleza! Quanta maravilha!

Isso é mais explícito quando entramos em uma sala de aula e vemos que, embora os estudantes sejam quase todos de uma mesma região, cada um traz consigo ricas histórias e uma forma particular de “ler” o mundo que está à sua volta. A heterogeneidade de um grupo de educandos nos faz refletir acerca de algumas questões sobre a relação entre cultura e educação.

Sem dúvida, “em todos os lugares aonde vamos ou em que estamos, a cultura perpassa nossas vidas e consciências; seja qual for o país, a nacionalidade, a raça, ela sempre estará lá, perpetuando e, ao mesmo tempo, transformando-se em um imaginável devir” (MACHADO, 2005, p.32). Mas, o que é cultura? Qual é o significado desse termo tão usado no mundo contemporâneo?

A pesquisadora Cristina Gomes Machado, no seu livro “Multiculturalismo: muito além da riqueza e da diferença”, nos diz que o *conceito de cultura* pode ser relacionado aos seguintes pontos: a cultura determina o comportamento do homem e justifica as suas relações; o ser humano age de acordo com os padrões culturais; a cultura é um meio de adaptação aos diferentes ambientes ecológicos. Para tanto, em vez de modificar o seu aparelho biológico, o homem altera o seu aparelho superorgânico; ao adquirir cultura, o homem passou a depender muito mais do aprendizado do que das atitudes geneticamente determinadas; a cultura é um processo acumulativo, resultante de toda a experiência histórica das gerações anteriores.

De um modo geral, a cultura é entendida como a maneira de um grupo social compreender a vida. Ela é tudo aquilo que um determinado grupo social “cultua”, isto é, inclui em seus valores e em suas tradições.

Estamos, agora, diante de um desafio, talvez similar ao momento que antecedeu à invenção da roda. Um desafio prático, vivencial, visceral, que nos coloca diante dos nossos próprios preconceitos, do nosso racismo, do nosso machismo, do nosso elitismo: enfrentar o que está dentro de nós, no nosso sangue, no nosso coração, na nossa mente, em nós mesmos.

Uma educação multicultural, criativa e inclusiva, que leve em consideração as diferenças, o contato, o diálogo coloca a própria escola em um lugar de questionamento quanto a seu papel, seu sentido, seu significado.

A comunidade escolar, em um contexto multicultural que se sabe político, não pode ser racista, nem elitista, nem machista, nem **etnocêntrica**. É essencial percebermos a dimensão disso tudo. O que nós, como educadores, faremos? E como faremos? Como nosso currículo se configurará? Como serão e deverão ser nossas aulas, nossa avaliação, nossa sala de aula? Como será nossa postura? Como não sermos tão individualistas e julgarmos que os outros são muito diferentes de nós, a ponto de nos transformarmos em uma ilha cercada de ilhas por todos os lados? Como não ser tão universalistas a ponto de apagarmos as singularidades culturais, políticas, sexuais, sociais, intelectuais? Como levar em consideração todos os segmentos da escola? Trabalhar o multiculturalismo na escola não é apenas colocar imagens de todas as etnias que compõem nossa escola nos murais, festejar o Dia do Índio e o Dia Nacional da Consciência Negra. Não é apenas debater as políticas de cotas e outras ações afirmativas. Nem ter a imagem de uma Virgem negra como padroeira do Brasil. Tampouco ter o atleta do século como um ícone nacional (se o que conta, nesse caso, é o dinheiro e não a cor da pele).

Acreditamos que uma educação multicultural, inclusiva, crítica e criativa implica mudanças radicais nas estruturas de poder da escola e da sociedade, mudanças em nós mesmos e mudanças de paradigmas. Aliás, para as mudanças de paradigmas e para incorporarmos outros atores e interlocutores, é necessário revermos os saberes socialmente valorizados e historicamente construídos.

Temos de nos saber aprendizes, eternos aprendizes, na medida em que estamos no momento de inventarmos a roda de um trabalho multicultural na educação. Utilizamos aqui propositalmente o termo “inventar” porque não existe um trabalho único, que deve ser seguido, imitado, copiado pelos demais. Cada grupo, cada coletividade, cada comunidade escolar deverá buscar construir sua roda (ou suas rodas), mas, como não se trata de ilhas de pessoas, como o conhecimento é coletivo e construído em comunhão, algumas palavras-ações básicas devem ser fortalecidas, como autonomia, diálogo, movimento e contato.

Não dá para se trabalhar com educação multicultural apenas no gabinete, na sala de estudo individual, no computador, por meio dos textos, da palavra escrita. O outro e nós temos um cérebro, uma mente, produzimos palavras, poesia, virtualidade, distanciamentos. Mas temos também um corpo que tem cheiro ou cheiros, cor, texturas, odores, sabores, expressões

Etnocêntrico - Etnocentrismo é uma atitude na qual a visão ou avaliação de um grupo sempre estaria sendo baseada nos valores adotados pelo grupo. Trata-se de uma atitude discriminatória e preconceituosa. In: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Etnocentrismo>



corporais. E essa percepção só acontece realmente com o contato, com o encontro.

Síntese da unidade

Conhecemos os aspectos da pós-modernidade, do multiculturalismo e como essa multiplicidade cultural atua dentro do espaço escolar, além de conhecer suas influências na educação.



1 - Em uma sociedade globalizada em que grande parcela da população se encontra fora do mercado de consumo, conseqüentemente, vive à margem do setor de produção, temos uma escola cada vez mais afastada das necessidades objetivas da comunidade. Assim como “milhões de crianças caminham pela vida em situação de pobreza e abandono, sem acesso à educação, desnutridas, discriminadas, negligenciadas e vulneráveis. Para elas, a vida é uma luta diária pela sobrevivência” (UNICEF, 2003). O texto acima nos apresenta uma realidade que, de acordo com o pensamento marxista, evidencia uma sociedade:

- em que cada um de seus membros tem uma função social;
- dividida em classes sociais em que ocorre o processo de equilíbrio;
- dividida em classes, na qual ocorre a exploração do homem pelo homem;
- composta por classes sociais, na qual cada um desempenha o seu papel.

2 - O capitalismo, enquanto sistema econômico e social que se caracteriza pela propriedade privada dos meios de produção, pelo trabalho livre assalariado e pela acumulação de capital (riqueza), é um sistema que em sua evolução conquistou adeptos como a burguesia capitalista. Mas, por outro lado, fez crescer ainda mais a exploração da força de trabalho com baixos salários e muita miséria. Isso resultou em uma dimensão mais ampla de

- socialização
- cidadania
- difusão cultural
- exclusão social

3 - Qual a relação entre a sociedade pós-moderna e o multiculturalismo? Construa um texto dissertativo com 20 linhas que sistematize suas idéias.

4 - Identifique os aspectos principais do multiculturalismo e suas propostas para a educação. Elabore um texto crítico, após debater com seus colegas sobre experiências que você tenha vivenciado em relação aos preconceitos sociais, a partir das diferenças entre grupos.

Comentário

Para dar sustentação às respostas das questões apresentadas, além de realizar uma leitura de todo material impresso apresentado nesta unidade, você deverá realizar uma pesquisa nos sites que tratam de multiculturalismo.

Referências

ARANHA, Maria Luisa A. *História da Educação e da Pedagogia*. 3 ed. São Paulo: Moderna, 2006

MACHADO, Cristina Gomes. *Multiculturalismo: muito além da riqueza e da diferença*. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

MEKSENAS, Paulo. *Sociologia da educação: introdução ao estudo da escola no processo de transformação social*. 11.ed. São Paulo: Loyola, 2003.

SANTOS, Boaventura de Sousa (org.). *A globalização e as ciências sociais*. 3.ed. São Paulo: Cortez, 2005.

STRAZZACAPPA, Cristina e MONTANARI, Valdir. *Globalização: o que é isso afinal?* 2.ed. São Paulo: Moderna, 2003. (Coleção Desafios)

OLIVEIRA, Pésio. *Introdução a Sociologia*. São Paulo: Ática, 2001.

TRINDADE, Azoilda Loretto da. *O racismo no cotidiano escolar*. Rio de Janeiro: FGV/IESAE. Dissertação de Mestrado, 1994. Disponível em: <http://www.tvebrasil.com.br/salto/boletins2002/mee/meetxt5.htm>>. Acesso em: 10 de jul de 06.

Informações sobre a próxima unidade

Você compreenderá como os movimentos sociais servem como instrumento de pressão, para elaboração de políticas públicas que, muitas vezes, geram legislações normatizadas pelo Estado.

11

Unidade Didática



Movimentos sociais e educação

Meta da unidade

Reflexão sobre os movimentos sociais e sua relevância como elemento de pressão para a melhoria da qualidade da área educacional.

Objetivos

Esperamos que, ao final desta unidade, você seja capaz de:

- identificar a relação entre movimentos sociais e educação, evidenciando os vários movimentos ocorridos na área educacional;
- refletir sobre a importância dos movimentos sociais na educação.

Pré-requisitos

Para entender esta unidade, faz-se necessária uma leitura sobre os movimentos sociais, especialmente sobre os parceiros que atuam na educação.

Introdução

Vamos conhecer os movimentos sociais que fizeram história não só no Brasil, mas em outros países, a partir das lutas que organizaram e das metas que perseguiram. Neste estudo, iremos também relacionar alguns movimentos sociais que ocorreram no âmbito da educação.

Movimentos Sociais

Os movimentos sociais têm sido considerados por vários analistas e consultores de organizações internacionais como elementos e fontes de inovação e mudança social. Há também um reconhecimento de que eles detêm um saber, decorrente de suas práticas cotidianas, passível de ser apropriado e transformado em força produtiva.

Os movimentos são elementos fundamentais na sociedade moderna, agentes construtores de uma nova ordem social, e não causa de perturbação da ordem como foram considerados por antigas análises conservadoras. Quanto a essa realidade, Hobsbawm (1978) assinala que os movimentos sociais da Antiguidade e Idade Média eram “revoltas de escravos, heresias e seitas sociais, levantes de camponeses e outros”. Gohn (1995), por sua vez, destaca que esses movimentos datam do período da escravidão, quando

Movimentos sociais são todas as formas de mobilização de membros da sociedade que têm um objetivo comum explícito. São também o objeto por excelência da sociologia dinâmica, que permite o estudo dos processos sociais e das mudanças (COSTA, 1997).

foram “caracterizados como momentos de desvio da ordem, ações selvagens de poucos contra os poderes constituídos”.

A presença dos **movimentos sociais** é uma constante na história política do país, mas ela é cheia de ciclos, com fluxos e refluxos (alguns estratégicos, de resistência ou rearticulação em face da nova conjuntura e das novas forças sócio-políticas em ação). As ações desse campo de força sócio-político, impulsionam mudanças sociais diversas.

É importante destacar as lutas do século XVIII: lutas em torno da escravidão e das cobranças do fisco. Já no século XIV, destacaram-se: a Confederação do Equador, liderada por Frei Caneca e pelo jornalista Cipriano Barata, em Recife – PE; o Movimento de Quebra Quilos, que consistiu em uma série de rebeliões ou atos de desobediência civil contra o sistema de pesos e medidas implantado no Brasil em 1870; a Revolta de Canudos, movimento popular de cunho religioso ocorrido no sertão nordestino, liderado por Antônio Conselheiro.

Essas foram algumas das inúmeras lutas ocorridas ao longo da história do Brasil. O século XX é também marcado por outras lutas sociais, como a de Contestado. Gohn (1995) assinala que, além dessa luta, outras eclodiram no período entre 1900 e 1950, como as lutas sociais urbanas durante a Primeira República. Essas se acirraram em virtude do avanço do processo de urbanização propiciado pela economia do café na região centro-sul. Destacam-se, também, nesse período, o **anarco-sindicalismo**, movimento de camponeses, o movimento do Cangaço e os conflitos agrários em Goiás (Trombas e Formoso). Ocorreram também outros movimentos rurais, envolvendo conflitos pela posse da terra entre posseiros e grileiros (Revolta de Porecatu, no Paraná).

Além desses, destacamos ainda os movimentos sociais no campo pela reforma agrária como as Ligas Camponesas nos anos 50.

Essa foi uma nova fase das lutas sociais rurais que se expandiram pelo nordeste e pelo país com o afloramento de inúmeros movimentos sociais, principalmente no campo. Segundo Gohn (1995, p.98), essa foi considerada como uma das “reformas de base que o país urgia adotar, mas os interesses dos latifundiários eram enormes e criaram todos os empecilhos para que ela não viesse a se concretizar”.

Com o golpe de 64, muitas lutas sociais que surgiram nos primeiros anos da década de 60 são desarticuladas. O Governo Militar não possibilitou espaços para que essas lutas se desenvolvessem. A década de 70, de acordo com (apud BARBOSA, 1999, p.82), é marcada por uma “idéia de espontaneísmo e autonomia por parte dos movimentos sociais. Com essa determinação aparecia com força a idéia de que haveria uma mudança na cultura política”. Essa mudança vem com as lutas pela redemocratização. Ela era algo que estava em evidência no final dessa década e início dos anos 80, quando novos personagens entram em cena, como assinala Sader (1988, p.27):

Foram assim redescobertos movimentos sociais desde sua gestação no curso da década de 70. Eles foram vistos, então, pelas suas linguagens, pelos lugares de onde se manifestavam, pelos valores que professavam com indicadores de emergência de novas identidades coletivas.

Anarco-sindicalismo é a forma anarquista do sindicalismo. Os anarco-sindicalistas acreditam que os sindicatos podem ser utilizados como instrumentos para mudar a sociedade, substituindo o capitalismo e o Estado por uma nova sociedade democraticamente autogerida pelos trabalhadores. In: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Anarco-sindicalismo>

Os anos 80 dão sinais de abertura política. Evidências desses sinais ocorrem a partir de manifestações de metalúrgicos em São Paulo. Os novos atores sociais vão aos poucos ocupando espaço para suas reivindicações e suas lutas. Quanto a essa realidade, Restrepo (1990) assinala que os movimentos sociais “constituem atores sociais coletivos, dotados de poder próprio, capazes de atuar na cena política sem necessidade de intermediários”.

Ressurgia, assim, no final da década de 80 e começo dos anos 90, o fortalecimento dos novos atores sociais por meio dos novos movimentos que aos poucos iam se expandindo nos espaços públicos com mais liberdade.

Esses novos movimentos sociais, segundo Scherer-Warren (1989, p.12), referem-se a um “grupo mais ou menos organizado sob uma liderança determinada ou não, possuindo um programa, objetivos ou plano comum, baseando-se numa mesma doutrina, princípios valorativos ou ideologia, visando a um fim específico ou a uma mudança social”.

Conforme Scherer-Warren (1989), os movimentos sociais apresentam objetivos que determinam suas diretrizes. Esses objetivos também são denominados de elementos constitutivos, que são o projeto, a ideologia e a organização.

Nos anos 90, os movimentos sociais dão origem a outras formas de organizações populares, mais institucionalizadas, como os fóruns nacionais de luta pela moradia popular (o Fórum da Participação Popular; outros movimentos como os de caráter pluriclassista e conjunturais como foi o Movimento Ética na Política, a Ação da Cidadania contra a fome e a miséria).

Merecem destaque os movimentos culturais dos ambientalistas, os ecologistas que cresceram muito após a ECO 92. A maioria dos movimentos identitários e culturais atua em conjunto com Organizações Não-Governamentais (ONG's). Esses movimentos têm sido bastante noticiados pela mídia. Os movimentos identitários são reportados como ações coletivas fruto de projetos focalizados, coordenados por indivíduos empreendedores, agrupados segundo categorias de gênero, faixa etária, origem étnica, religião.

A organização popular dos movimentos sociais rurais cresceu bastante nos anos 90. Dentre os inúmeros movimentos de sem-terra criados, o mais expressivo foi o Movimento dos Trabalhadores Rurais sem Terra (MST). Ele se destaca nacional e internacionalmente, mediante um eficiente trabalho de mídia e marketing político de suas demandas pela Reforma Agrária.

Além desses movimentos sociais, é relevante tecer comentários acerca da educação e como se desenvolveu o caráter educativo dos movimentos sociais.

Movimentos sociais e educação

Para entender este tema, é importante conhecermos a relação entre movimentos sociais e educação, mediada pela questão da cidadania. Para entender essa relação, é relevante rever historicamente os momentos em que os cidadãos tiveram atendidas suas reivindicações, por meio das constantes



lutas que efetuaram ao longo dos séculos. Vamos tecer alguns comentários que caracterizaram a luta pela cidadania.

No **liberalismo**, segundo Gohn (1994, p. 11), a questão da cidadania aparece associada à noção dos direitos naturais (liberdade, igualdade, direito à propriedade) e dos direitos da nação (soberania nacional e separação dos poderes: executivo, legislativo e judiciário). O cidadão, nesse período, era aquele que tivesse propriedade, era o burguês. A educação para a cidadania não fazia parte do universo da classe trabalhadora porque ela não seria cidadã, ou seja, a igualdade natural seria desfeita no plano da sociedade real pela desigualdade entre os cidadãos.

As mudanças sobre o significado de **cidadania** caracterizam o século XVIII. O racionalismo ilustrado “propõe modificar a ordem social e política atuando sobre a consciência e a instrução” (GOHN, 1994, p.12). O sonho de transformação e a reforma política eram meios de solução para tornar o homem um sujeito histórico capaz de modificar a realidade. Nesse momento, a educação era uma questão de solução para a cidadania. Porém, em outra fase a educação volta a ser pensada pelas classes dirigentes com mecanismos de **controle social**.

A cidadania do século XIX é diferente da dos séculos anteriores, pois se dirige a todos, incluindo as massas, mas para discipliná-las e domesticá-las.

Nesse período, os direitos sociais são outorgados pelo Estado; a educação tem destaque e a “prática pedagógica enfatiza as estratégias de persuasão, esclarecimentos e moralização de cada futuro cidadão” (GOHN, 1994, p.14).

O conceito de cidadania terá, ao longo do século XX, novas significações. O Estado passa a regulamentar os direitos dos cidadãos, a restringir e cassar esses direitos. Em decorrência, a cidadania deixa de ser conquista da sociedade civil e passa a ser competência do Estado.

Quanto à educação, sua noção era educar para a cooperação geral, sendo, portanto, conservadora. Já a escola tem um papel fundamental de educar a partir de uma visão romântica, ‘estigmatizada, da vida do campo, das relações diretas, primárias e da pequena comunidade’.

A cidadania coletiva é o caminho para superar essas características anteriores da cidadania e para alcançar os estágios mais avançados e modernos, seria necessário atingir um estágio mais elevado de grupos organizados da sociedade civil, por meio de movimentos.

O desenvolvimento do capitalismo e seu caráter explorador e espoliativo, a massificação das relações sociais, o descompasso entre o alto desenvolvimento tecnológico e a nefasta miséria social de milhões de pessoas, o desrespeito à dignidade humana de inteiras categorias sociais tratadas como máquinas são elementos de um cenário que cria um novo ator histórico enquanto agente de mobilização e pressão por mudanças sociais, os movimentos sociais.

Nesses movimentos, está presente o cidadão coletivo que reivindica, baseado em interesses coletivos de diversas naturezas. Por outro lado, há também os grupos que lutam pelo exercício da cidadania das chamadas minorias (negros, homossexuais, mulheres) pela paz e pela ecologia.

O processo educativo se faz presente na cidadania coletiva pela luta dos cidadãos. Mas como é construída a cidadania? Ela se constrói como um

Liberalismo é a forma racional e intuitiva de organização social em que prevalece a vontade da maioria quanto à coisa pública, estando livre de qualquer fundamento filosófico ou religioso capaz de limitar ou impedir a liberdade individual e a igualdade de direitos. In: <http://www.cobra.pages.nom.br/ftm-liberalismo.html>

Controle social é a forma pela qual a sociedade inculca os valores do grupo na mente de seus membros, para evitar que adotem um comportamento divergente. O controle social funciona como maior instrumento de socialização (OLIVEIRA).

processo externo no interior da prática social em curso, como fruto do acúmulo de experiências. Já a cidadania coletiva se constrói no cotidiano, por meio do processo de identidade político-cultural, gerado pela luta cotidiana.

Dessa forma, vimos que a cidadania teve seus momentos históricos determinados a partir das lutas organizadas por seus interlocutores – os cidadãos. Esses foram aos poucos conquistando seus direitos, tendo, por isso, de enfrentar alguns obstáculos, como o Estado, que passou a regulamentar seus direitos.

Os cidadãos, ao longo do século XX, foram conquistando seus espaços de maneira coletiva. Os cidadãos se organizavam e davam início a mobilizações na luta por seus direitos, por sua liberdade e igualdade e, assim, a cidadania coletiva crescia junto a seus interlocutores.

A luta pela educação também teve seu reconhecimento e deu-se a partir da luta de cidadãos organizados em sindicatos de professores e outros profissionais da educação ou por articulações mais amplas em expansão. Um exemplo dessas demandas foi a luta pela educação no período da Constituição de 1988, realizada pelo Fórum Nacional de luta pela Escola Pública.

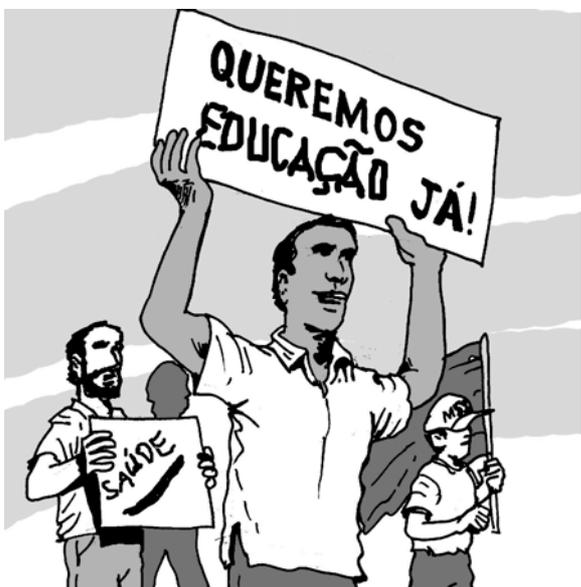
Nos anos 90, esses atores sociais continuaram atuantes em suas lutas pela educação. Suas investidas neoliberais e suas reformas nas escolas públicas de Ensino Fundamental e Médio alteraram o cotidiano das escolas de tal forma a provocar a organização e a mobilização de movimentos populares pela educação. Alguns fatores nessa área proporcionaram a organização dos atores sociais. Entre outros destacamos a falta de vagas, as filas para matrículas, os resultados de exames nacionais, os atrasos nos repasses de verbas para merendas escolares.

Essa realidade continua nos dias atuais e os movimentos populares pela educação estão mais ativos, procurando ampliar seus direitos de cidadania e, cada vez mais, a organização coletiva.

Síntese da unidade

Estudamos o contexto histórico dos movimentos sociais e a atuação de seus atores na luta por seus direitos. Vimos também a relação entre os movimentos sociais e a educação, enfocando a cidadania como uma categoria de luta dos atores sociais.

1 - Contextualize historicamente os movimentos sociais, evidenciando os que se destacaram no século XX. Reflita sobre a relação entre os movimentos sociais e a educação, dando enfoque às lutas dos movimentos populares em defesa da escola pública. Para isso, faça uma pesquisa e aponte instituições e ações realizadas.



Comentário

Para a realização dessa atividade, analise a atuação dos movimentos sociais ligados à educação. Pesquise, a partir de seu cotidiano, movimentos populares que se destacam na sua cidade. Pesquise sobre “movimentos sociais e direitos” no site <http://www.dhnet.org.br/direitos/militantes/solonviola/movimento.html>, acessado em 12 de julho de 2006. Pesquise também sobre “papel dos movimentos sociais na construção de outra sociabilidade” no site <http://www.anped.org.br/25/excedentes25/sandramariamarinhosiqueirat03.rtf>, acessado em 12 de julho de 2006.

Referências

- BARBOSA, Holda Coutinho. Movimentos sociais. In: *O movimento dos trabalhadores rurais sem terra (MST) como espaço informacional*. João Pessoa, 1999. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação). UFPB, João Pessoa, 1999.
- DAGNINO, Evelina (org.). *Anos 90: política e sociedade no Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- COSTA, Cristina. *Sociologia: introdução à ciência da sociedade*. 2.ed. São Paulo: Moderna, 1997.
- GOHN, Maria da Glória. *Movimentos sociais e educação*. 2.ed. São Paulo: Cortez, 1994 (Questões da nossa época, v. 5).
- _____. *História dos movimentos e lutas sociais: a construção da cidadania dos brasileiros*. São Paulo: Edições Loyola, 1995.
- HOBBSAWM, Eric J. *Rebeldes primitivos: estudos sobre formas arcaicas de movimentos sociais nos séculos XIX e XX*. 2.ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
- RESTREPO, Luis Alberto. A relação entre a sociedade civil e o Estado: elementos para uma fundamentação teórica do papel dos movimentos sociais na América Latina. In: *Tempo social: rev.* São Paulo, v. 2, n. 2, pp. 61 a 100, 1990.
- SADER, Eder. *Quando novos personagens entraram em cena: experiências, falas e lutas dos trabalhadores da grande São Paulo (1970 - 80)*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.
- SCHERER-WARREN, Ilse. *Movimentos sociais: um ensaio de interpretação sociológica*. 3.ed. Florianópolis: Fundação Loyola, 1989.
- TOMAZI, Nelson Dacio (coord.). *Iniciação à Sociologia*. 2.ed. rev. e ampliada. São Paulo: Atual, 2000.

Informações sobre a próxima unidade

Em nossa última unidade temática, você estudará como a mídia se insere na realidade da sociedade brasileira, como os avanços tecnológicos contribuíram para o processo de inclusão digital de determinada parcela da sociedade que se encontrava à margem do sistema educacional.

12

Unidade Didática



Os meios de comunicação e a mídia

Meta da unidade

Compreensão da influência da mídia na escola.

Objetivos

Esperamos que, ao final desta unidade, você seja capaz de:

- identificar os fatores que provocam a exclusão digital;
- refletir sobre a contribuição dos meios de comunicação para os projetos escolares no tocante a inclusão digital.

Pré-requisitos

Para que você possa compreender esta unidade, é imprescindível a leitura da parte histórica da disciplina Tecnologia e Educação a Distância sobre a influência dos meios de comunicação e de informação e sobre os processos de exclusão e inclusão digital nas unidades escolares.

Introdução

Vamos iniciar esta unidade refletindo sobre a realidade que estamos vivenciando atualmente com o avanço das novas tecnologias de comunicação e informação: “os seres humanos nunca estiveram tão próximos uns dos outros e tão distantes entre si. Dois homens separados por milhares de quilômetros podem se comunicar a um simples toque de uma tecla [...]”. (SADER, 1995, p.13).

As palavras de Sader ilustram bem o momento que vivemos hoje. Nessa mesma realidade, Tajra (2005, p.17) assinala que “ter acesso a computadores e à Internet é sem dúvida, uma questão de infra-estrutura mínima necessária para estar diante dos novos paradigmas da sociedade do conhecimento”. Assim, o mais importante é saber lidar com a informação e transformá-la em conhecimento.

O avanço tecnológico ampliou-se na sociedade de forma generalizada, na informatização de bancos, empresas, escolas. Sua inserção e relação com a educação escolar teve seu crescimento vertiginosamente ampliado de forma que resultou em questões debatidas por analistas e especialistas.

Nesta unidade, além de conhecer e estudar os meios de comunicação e mídia e sua influência na educação, vamos também conhecer a informática e o processo de inclusão e exclusão digital, bem como a sua repercussão no contexto escolar. Nosso objetivo é analisar esse processo, em uma

perspectiva sociológica, observando as causas e as alternativas para diminuir a exclusão digital nas escolas.

Escola e Informática - Inclusão Digital

Em todos os países, independente do seu grau de desenvolvimento, a informática tem sido um campo em franca expansão. Esse processo tem atingido também as áreas de educação e lazer. Em decorrência disso, constata-se que, no mundo todo, o computador tem entrado cada vez mais cedo na vida das crianças.

A informática é a ciência que estuda a informação e a manipulação de dados. Surgiu nos EUA, logo após a 2ª Guerra Mundial (1945), com o objetivo de trocar e guardar informações precisas entre os militares dos dois blocos: o norte-americano e os soviéticos.

Atualmente, muito tem se discutido e questionado sobre o uso do computador nas escolas. A utilização da informática, como instrumento de aprendizagem e busca do conhecimento, vem aumentando de forma rápida entre nós. Nesse sentido, a educação vem passando por mudanças estruturais e funcionais, havendo uma revolução na concepção de como pensar o ensino e a aprendizagem.

A escola, no caso brasileiro, possui uma grande resistência em introduzir tecnologias inovadoras. A era da informação exige profunda revisão do sistema educativo, pois sua tarefa é formar as novas gerações, assimilando inteligentemente as inovações tecnológicas, conforme os objetivos educacionais que pretende atingir. E a escola não pode ignorar isso, à medida que as experiências vão se difundindo e evidenciando a versatilidade da informática como importante ferramenta de instrução e de educação. A resistência às mudanças tecnológicas na prática pedagógica traz um outro problema na escola: a chamada exclusão digital!



Exclusão digital

Pode ser entendida como o não-acesso por parte de uma parcela da população aos bens tecnológicos, como: os grandes provedores de conteúdo e as trocas de informações (e produção de conhecimentos). Exclusão digital é também não ter oportunidade para fazer reflexões com base em informações de diferentes origens.

Para visualizarmos como a exclusão digital atinge o nosso país, leiamos o texto abaixo extraído do “**Mapa da exclusão digital**”, a maior e mais completa pesquisa elaborada no Brasil sobre o tema, resultado de uma parceria entre a Fundação Getúlio Vargas, o Comitê para Democratização da Informática, a Sun Microsystems e a USA.

A escola não está muito consciente desse fenômeno. Vemos poucas iniciativas para a sua compreensão e quase nenhuma na busca de soluções concretas que proporcionem uma mudança perante a crise que nos atinge.

Vemos timidas iniciativas para colocar computadores nas escolas tanto da rede pública quanto da privada, mas geralmente os gestores não sabem o que fazer com essa parafernália de máquinas.

No caso das escolas privadas, os computadores são utilizados apenas como marketing na hora dos pais fazerem as matrículas. Colocar

computadores nas escolas é apenas o primeiro passo para que haja uma inclusão digital. É preciso mais. É necessário problematizarmos essa questão na escola para que haja uma ampla discussão com pais, professores, gestores e toda a comunidade, com vistas ao uso pedagógico dessa importante ferramenta.

Inclusão digital

É a expansão da possibilidade de acesso à informação pela via digital e da possibilidade de tratamento e compreensão dessa informação.

Segundo o professor Nelson Pretto (1997, p.3), não basta colocar computadores nas escolas. “O projeto de informatização das escolas está em andamento, precisamos de professores qualificados, e não basta ensiná-los a usar a máquina. É preciso dar condições e autonomia para que esses professores, junto com as crianças, possam repensar a escola”.

Pretto comenta (1997, p.3), no artigo publicado no jornal *Gazeta Mercantil*, que

O mais importante nesse processo, não é conectar as escolas à internet para que possam visitar a bolsa de Hong Kong, o museu do Louvre ou a biblioteca do Congresso Americano. Isto é importante, mas o fundamental é colocar cada escola na internet para que a economia, a cultura, a vida de cada pessoa e região possam estar presentes de forma planetária na Internet. [...] Assim cada escola transforma-se em um centro de produção de cultura e conhecimento e não simplesmente num espaço da reprodução pura e simples de um saber sistematizado e dominante. Esse é, sem dúvidas, um grande desafio, que só será alcançado se pudermos fortalecer, com autonomia e dignidade, nossos professores e escolas públicas.

A proposta de Pretto é interessante e inovadora. De fato, constitui um desafio, pois a realidade que vemos nos dados acima é ainda bem alarmante.

Repercussão da escola no contexto dos meios de comunicação e da mídia

Em seu livro *Uma escola sem/com futuro*, Pretto (2003, p.11) comenta que, à espera do novo milênio, na cidade de Lagoa do Barro no Estado do Piauí, para nosso espanto, as pessoas desse lugar, ainda em 1993, pela primeira vez recebiam um sinal de televisão.

Esse caso é importante porque vai nos dar uma dimensão do avanço tecnológico da sociedade e da educação.

Como se dá a relação da educação com a informação e com a comunicação? Machado (2002, p.74) comenta que

As relações entre a informação e a educação, assim como entre o processo educativo e a prática da comunicação, definem um novo enfoque global e dinâmico do processo de ensino e aprendizagem. Esse novo campo propõe modificações nas finalidades, com implicações diretas sobre o método e o motivo das

atividades. Tanto os comunicadores quanto os educadores necessitam refletir à luz da nova realidade social que está se formando. A busca pelo uso das tecnologias como meios de inserção social e o discurso sobre a democratização do acesso à escola atestam a transformação social que vai em curso.

O enfoque que Machado evidencia, em relação à comunicação e à educação, são importantes no sentido de que os profissionais dessas áreas necessitam fazer reflexões sobre a nova realidade. Tal relação se dá no momento da inserção das mídias na educação tanto nos níveis de organização do ensino como também no processo de aprendizagem.

Devemos lembrar que, na área educacional, muitos professores estão utilizando temas e matérias dos jornais, da TV, do vídeo, da Internet e de filmes, fazendo uma combinação com os textos didáticos. Essas iniciativas têm contribuído bastante para o aluno saber projetar o aprendizado na realidade.

As novas tecnologias estão contribuindo com a educação, no sentido de elevar a escola a estágios mais elevados, pois, segundo Machado (2002, p.75), estamos diante de uma crise de paradigmas no sentido de uma mudança na visão de mundo. O destaque, nesse momento, é o lugar da informação na sociedade, pois a comunicação tornou-se uma forma de organização do mundo e se “apresenta como parâmetro de evolução da humanidade”, na medida em que, no “estado atual, os homens buscam um novo caminho para o futuro”.

A inserção dos meios de comunicação e de informação na área educacional tem parcela considerável nesse novo tempo pelo qual passa a educação e a escola. E deve ser pensada, segundo Machado, como um espaço cada vez mais relacionado às novas tecnologias e às transformações científicas, tecnológicas, culturais e comportamentais que marcam o mundo contemporâneo.

Síntese da unidade

Estudamos como a escola pode participar do processo de inclusão digital, em uma sociedade cada vez mais globalizada. A exclusão digital nos sinaliza a marginalização de grande parte da sociedade. Nesse sentido, a informatização da escola implica em um salto qualitativo, em relação ao qual devemos observar quais as repercussões dos meios de comunicação e da mídia para a melhoria do ensino.

1 – Leia a citação:

Esse novo campo propõe modificações nas finalidades, com implicações diretas sobre o método e o motivo das atividades. Tanto os comunicadores quanto os educadores necessitam refletir à luz da nova realidade social que está se formando. A busca pelo uso das tecnologias como meios de inserção social e o discurso sobre a democratização do acesso à escola atestam a

Atividades



transformação social que vai em curso. (MACHADO, 2002, p.74)

Elabore, com base na citação, uma avaliação da realidade nas escolas quanto à inclusão e exclusão digital.

2 - Como você vê a inserção dos meios de comunicação e informação na educação escolar onde reside? Elabore uma comparação entre o Brasil e outros países.

Comentário

Nessas atividades, você poderá pensar em exemplos de escolas que você já conhece, além de pesquisar sobre inclusão/exclusão digital nos seguintes sites: <http://www.espacoacademico.com.br/024/24amsf.htm>, (três pilares da inclusão digital) acessado em 13 de julho de 2006; http://www.centroedelstein.org.br/pdf/exclusaodigital_e_educacao_no_brasil.pdf (exclusão digital e educação no Brasil); <http://www.google.com.br/search?q=cache:EpFBNd9kDuAC:www.intercom.org.br/papers/xxiv> (televisão, meios eletrônicos e educação) acessado em 13 de julho de 2006.

Referências

MACHADO, Cristina Gomes. *Multiculturalismo: muito além da riqueza e da diferença*. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

PRETTO, Nelson de Luca. *Uma escola sem/com futuro: educação e multimídia*. 5.ed. Campinas, SP: Papyrus, 1996. (Coleção Magistério: Formação e Trabalho Pedagógico)

PRETTO, Nelson de Luca. Globalização da economia à cultura. In: *Jornal Gazeta Mercantil*, São Paulo, 13 de novembro de 1997.

SADER, Emir. *O anjo torto: esquerda (e direita) no Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1995.

TARJA, Sanmya Feitosa. *Comunidades Virtuais: um fenômeno na Sociedade do Conhecimento*. São Paulo: Érica, 2002.